



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA FACULDADE DE
ITAITUBA – FAI CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

NÁDIA TALITA VIEIRA

**OS FALARES DE MIGRANTES DE GOIÁS NA COMUNIDADE NOVA
ESPERANÇA DE ITAITUBA-PA, À LUZ DA ANÁLISE
SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA**

NÁDIA TALITA VIEIRA

**OS FALARES DE MIGRANTES DE GOIÁS NA COMUNIDADE NOVA
ESPERANÇA DE ITAITUBA-PA, A LUZ DA ANÁLISE
SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para a obtenção do título de
Licenciado Pleno em Letras.
Orientadora: Prof.^a. Msc. Mara Aparecida Pereira do
Nascimento

VIEIRA, Nádia Talita. Os falares de migrantes de Goiás na Comunidade Nova Esperança de Itaituba-PA, à luz da análise Sociolinguística Variacionista.

Itaituba - Pará /Nádia talita Vieira. Itaituba: FAI, 2022.

60 f: il

Orientadora: Mara Aparecida Pereira do Nascimento

Trabalho de Conclusão De curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, 2022.

1. Migrantes Goianos. 2. Itaituba.PA. 3. Sociolinguística Variacionista.

I. Nascimento, Mara Aparecida Pereira do . II Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR- PA, 2022.

NÁDIA TALITA VIEIRA

**OS FALARES DE MIGRANTES DE GOIÁS NA COMUNIDADE NOVA
ESPERANÇA DE ITAITUBA-PA, À LUZ DA ANÁLISE
SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para a obtenção do título de
Licenciado Pleno em Letras.

Orientadora: Prof.^a. Esp. Mara Aparecida Pereira do
Nascimento

BANCA EXAMINADORA

Presidente/Orientadora: _____ nota _____ Prof.^a

Mara Aparecida Pereira do Nascimento, mestra.

Avaliadora 1: _____ Nota _____ Prof.^a

Verônica Gomes Moreno, especialista.

Avaliadora 2: _____ nota _____ Prof.^a

Djalмира de Sá Almeida, doutora.

Resultado: _____ Nota _____

Itaituba – PA, 12 de agosto de 2022.

*Dedico este trabalho a minha mãe,
Rejane Cristina, que muito me apoiou e
também aos meus filhos Pedro Henrique,
Maria Luiza, Davi Lucas e Artur Jerônimo,
que foram meus maiores incentivos para a
realização e conclusão deste curso.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da vida, por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos que surgiram durante o percurso e pela oportunidade de chegar até aqui.

A minha mãe, **Rejane Cristina**, que sempre me incentivou e apoiou em todos os momentos difíceis, inclusive financeiramente.

Ao meu esposo **Erilton**, e a aos filhos **Pedro Henrique**, **Maria Luiza**, **Davi Lucas** e **Artur Jerônimo**, pelo apoio, paciência e compreensão pelas vezes que precisei me ausentar por conta dos estudos.

Aos meus sogros **Maria Inez** e **Gentino Caetano**, que assim como minha mãe, sempre me incentivaram a concluir o curso.

A instituição de ensino Faculdade de Itaituba, essencial no meu processo de formação profissional.

A todos os professores do curso de Letras, em especial, às professoras **Raimunda Bentes**, **Regina Figueira** (em memória), que sempre estiveram dispostos a dividir o conhecimento e contribuíram para o meu processo de aprendizado ao longo dos anos de faculdade.

À minha querida orientadora, professora **Mara**, que desempenhou seu papel majestosamente, me dando todo o suporte, dedicação e paciência necessária ao desenvolvimento desse trabalho. Um anjo que Deus colocou no meu caminho, quando eu ainda fazia a 5ª série e que só durante o curso de Ensino Superior compreendi o tamanho da sua genialidade e generosidade.

Aos meus colegas, tanto da turma do regular, como do intervalar, com quem pude compartilhar muitos momentos de descobertas e aprendizado, por todo o companheirismo ao longo deste percurso.

Aos meus colegas de trabalho da Junta Militar de Itaituba: **Raimundo Cesar** (em memória), **Cícera Cila**, **Vergílio Amorim** e, em especial, ao Secretário **Luís de Souza Filho**, pessoas que tanto me apoiaram, tanto com suporte material quanto emocional e incentivaram nos momentos difíceis e nas crises de choro.

A todos que participaram da pesquisa, pela colaboração no processo de obtenção dos dados, enfim, a todos que participaram, direta ou indiretamente, no desenvolvimento deste projeto.

GOIANÊS

*O goiano sabe o que que goiano gosta
Esse é nosso jeito essa é a nossa prosa
“Ow... Mais deixa eu te falar... Vamu vê onde é que isso vai dar?
Trem custoso pra explicar, esse jeitão de falar
Cadê o povo? Só nós? Tá na hora de vazar
Ó que coisa mais bonita... Quanto custa esse trem?
Pode ser que num do conta, moço? Ajuda nós também!
Fio, espia, oia o pizêro rodeia pra não trupicar
Depois tira a água do joeio que é pra não te estrová
Mocoza não se não é paia, sai da latada vai prá lá;
Levanta, arriba, arreda o pé, mas vai daqui vai dacolá
Mais moço, falando em arreda o pé..., tem muito
tipo de pé heim?
Pé de meia, pé de pato, pé de pau, pé de macaco... Rensga
Mas tem pé demais! Tem pé d'água, pé de vento, pé de boi
Fique atento Pé na cova, pé
de tode, ou de moleque. Tem pé frio e pé quente.
Mais ó... ,Goiano é fogo sai da frente
Com goiano é assim tem uma marca tem história
E o pé rachado? É famoso... Nesse mundão tem memória
Porque aqui é só o ouro, e o ouro é a nossa gente
Gente que apruma o passo, bate o pé e segue em frente
O goiano sabe o que goiano gosta Esse é o nosso jeito
essa é a nossa pros...*

Elen Lara

RESUMO

Este estudo objetiva apresentar os falares de migrantes de Goiás na Comunidade Nova Esperança de Itaituba-PA, à luz da análise Sociolinguística Variacionista, obter conhecimentos aprofundados quanto à variação e metaplasmos linguísticos e lançar o olhar de uma futura docência de Língua Portuguesa, para o preconceito linguístico enfrentado por migrantes no âmbito escolar. Para o alcance dos objetivos propostos, a metodologia compreendeu uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo na mencionada comunidade. Os principais autores consultados para elucidar os assuntos elencados são: Bagno (2004), Camacho (2007 e 2011), Mollica (2003), entre outros de relevância para a construção deste trabalho. Os indivíduos residentes na comunidade estudada, em sua totalidade se utilizam do mesmo registro linguístico, desde as crianças aos idosos. Verificou-se que, além dos termos específicos do dialeto goiano, também se notou muitos traços do dialeto rural, isso devido a baixa escolaridade da maioria dos entrevistados e do local de origem, uma cidade satélite da capital Goiânia, mas muito ligada ao trabalho agrícola e pecuário, conforme eram os afazeres desta família. Foi passível de conclusão, que o preconceito linguístico inferioriza adultos e crianças, grupos sociais, Estados, regiões, cidades e até bairros. O preconceito linguístico não tem nexos, nem noção, visto que, a própria Língua Portuguesa originou-se do Latim vulgar, ou seja, falado pelos soldados e pelos populares e, o português do Brasil possui influência europeia, indígena e africana, do que, metaforicamente falando, poder-se-ia dizer, sem pedigree. Afirma-se que propostas de ação e intervenção pedagógicas para fluir os saberes da Sociolinguística Variacionista são fundamentais para a compreensão do alunado quanto ao processo de adequação da linguagem oral (em formal ou informal), da escrita (em coloquial ou padrão, que é a variante destinada à unificação da comunicação, de âmbito nacional). Enfim, a adequação da linguagem oral ou escrita depende do interlocutor ou destinatário, do local, da situação e dos contextos.

Palavras-chave: Migrantes Goianos. Itaituba. Análise. Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT

This study aims to present the speeches of migrants from Goiás in the Nova Esperança Community of Itaituba-PA, in the light of the Variationist Sociolinguistic analysis, to obtain in-depth knowledge about linguistic variation and metaplasms and to cast the gaze of a future teaching of Portuguese Language, to the prejudice language challenge faced by migrants in the school environment. To reach the proposed objectives, the methodology comprised a bibliographic research and a field research in the mentioned community. The main authors consulted to elucidate the issues listed are: Bagno (2004), Camacho (2007 and 2011), Mollica (2003), among others relevant to the construction of this work. Individuals residing in the studied community, in their entirety, use the same linguistic register, from children to the elderly. It was found that, in addition to the specific terms of the dialect of Goiás, there were also many traits of the rural dialect, due to the low schooling of most of the interviewees and the place of origin, a satellite city of the capital Goiânia, but very linked to work. agriculture and livestock, as were the tasks of this family. It was possible to conclude that linguistic prejudice inferiorizes adults and children, social groups, states, regions, cities and even neighborhoods. Linguistic prejudice has no nexus, no notion, since the Portuguese language itself originated from Vulgar Latin, that is, spoken by soldiers and the popular, and Brazilian Portuguese have European, indigenous and African influence, which, metaphorically speaking, one could say, without pedigree. It is stated that proposals for pedagogical action and intervention to flow the knowledge of Variationnism Sociolinguistics are fundamental for the students' understanding of the process of adapting oral language (in formal or informal), writing (in colloquial or standard, which is the variant aimed at the unification of communication, nationwide). Finally, the adequacy of oral or written language depends on the interlocutor or addressee, the place, the situation and the contexts.

Keywords: Migrants from Goiás. Itaituba. Analysis. Variationist Sociolinguistics

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Influência indígena na língua portuguesa..	15
Ilustração 2 - Influência das línguas africanas para	16
Ilustração 3 - Quadro demonstrativo de Epêntese..	26
Ilustração 4 - Quadro demonstrativo de Prótese.	27
Ilustração 5 - Quadro demonstrativo de metátese.	27
Ilustração 6 - Quadro demonstrativo de Aférese..	28
Ilustração 7 - Quadro demonstrativo de Apócope..	28
Ilustração 8 - Quadro demonstrativo de Síncope.	29
Ilustração 9 - Quadro demonstrativo de Rotacismo.	29
Ilustração 10 - Quadro demonstrativo de Metafonia.	29
Ilustração 11 - Localização da comunidade nova esperança (ITB-PA).	34
Ilustração 12 - Perfil dos entrevistados.....	35
Ilustração 13 - Substantivos diferentes nos Estados brasileiros.	36
Ilustração 14 - Dialeto Brasileiro..	37
Ilustração 15 - Mapa do Estado de Goiás..	40
Ilustração 16 - Distância entre S. Luis de Montes Belos (GO) e Itaituba (PA).	43
Ilustração 17 - Coleta prévia de vocabulário goianos na comunidade.	45
Ilustração 18 - Expressões idiomáticas.	47
Ilustração 19 - Metaplasmos por permuta.	49
Ilustração 20 - Metaplasmos por aumento.	50
Ilustração 21 - Metaplasmos por supressão.	51
Ilustração 22 - Metaplasmos por transposição.	51
Ilustração 23 - Variantes linguísticas na comunidade pesquisada..	52
Ilustração 24 - Outras variantes linguísticas no falar dos migrantes goianos.	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO	12
2.1 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UMA MÁCULA SOCIAL.....	12
2.2 A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL	13
2.3 A SOCIOLINGUISTICA: A LÍNGUA NA PRÁTICA SOCIAL.....	17
2.4 VARIAÇÃO LINGUISTICA: CONCEITOS, CLASSIFICAÇÃO E TIPOLOGIA	19
2.5 METAPLASMOS LINGUÍSTICOS	23
2.5.1 Classificação e tipologia dos metaplasmos linguísticos.....	26
3 METODOLOGIA	31
3.1 SUPORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	31
3.2 NATUREZA E OBJETIVOS DA PESQUISA	32
3.3 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DA PESQUISA.....	32
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: ENTREVISTAS GRAVADAS.....	33
3.5 A ABORDAGEM PARA A ANÁLISE DOS DADOS.....	34
3.6 LOCAL DA PESQUISA.....	34
3.7 PERFIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA	35
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	36
4.1 DIALETOS REGIONAIS	36
4.1.1 O dialeto Goianês	40
4.2 GOIANOS NA COMUNIDADE NOVA ESPERANÇA DE ITAITUBA (PA)	42
4.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	45
4.3.1 Expressões Idiomáticas identificadas na comunidade Nova Esperança ..	46
4.3.2 Metaplasmos linguísticos observados na Comunidade Nova esperança .	49
4.3.3 Variantes Linguísticas presentes na comunidade Nova Esperança.....	52
5 CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICE	61

1 INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva apresentar os falares de migrantes de Goiás na Comunidade Nova Esperança de Itaituba-PA, à luz da análise Sociolinguística Variacionista, obter conhecimentos aprofundados quanto à variação e metaplasmos linguísticos e lançar o olhar de uma futura docência de Língua Portuguesa, quanto ao preconceito linguístico enfrentado por migrantes no âmbito escolar.

Este trabalho de conclusão de curso parte de duas premissas de problematização: xenofobia e preconceito linguístico. Conforme Loureiro e Pito (2005), a partir da década de 1960, o Pará foi recebendo muitos e muitos migrantes, ou seja, pessoas de outros Estados brasileiros. Vieram para trabalhar com a borracha, madeira, soja, minério, pecuária, ou simplesmente pelo sonho de ter um pedaço de terra. Entre estes migrantes, os goianos, objetos de estudo de TCC.

Toda esta dinâmica aponta para a xenofobia, que se traduz em desconfiança, temor ou antipatia por imigrantes, migrantes. Estes termos são denominados de “parônimos”, os quais possuem grafias muito parecidas, mas significados diferentes. Emigrante é aquele que emigra, ou seja, vai embora de um país para viver em outro. Imigrante é aquele que imigra, ou seja, que entra num país para viver nele. Portanto, a definição vai depender do ângulo de visão: no país em que a pessoa chega para viver, o migrante é denominado imigrante, do país que ela deixou, o migrante é denominado de emigrante (MARINUCCI, MILES, 2011).

Enquanto imigração e emigração referem-se aos deslocamentos internacionais e à permanência no país de destino, migrante é utilizado para denominar aquele que se desloca em espaço do território do seu país. Vale comentar, que refugiados diz respeito às pessoas que estão fora de seu país de origem devido a medo de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também violação de direitos humanos e conflitos armados (MARINUCCI, MILES, 2011).

Então, no que tange aos migrantes que vieram de outros Estados para o Pará, por exemplo, reflete-se que em um país de dimensão continental como o Brasil, os habitantes de cada região possuem linguagem específica, o que se denomina regionalismo. Mais especificamente falando, todas as pessoas apresentam semelhanças e diferenças, assim também acontece com a fala. No entanto, há grande dificuldade por parte da maioria das pessoas em aceitar o modo de falar do outro, o que aponta para o

preconceito linguístico, que constrange, humilha e desmotiva, em especial no âmbito escolar.

A relevância desta pesquisa para enriquecimento da formação na área de Licenciatura em Letras, reside nas observações problematizadoras expostas e na constatação de que o professor de Língua Portuguesa vai se deparar com falares que podem ser oriundos de qualquer região do país, portanto, precisa, além dos conhecimentos inerentes, combater o preconceito linguístico, para que a escola seja um ambiente de acolhimento e desenvolvimento, como é a expectativa de uma Educação de qualidade.

Para o alcance dos objetivos propostos a metodologia compreende: uma pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo na comunidade Nova Esperança, pertencente à Itaituba- PA, por meio de entrevistas gravadas com sete (7), moradores migrantes do município de São Luís de Montes Belos no noroeste de Goiás, com o objetivo de identificar possíveis registros regionais nos falares.

A estrutura deste TCC, na sequência desta introdução, encontra-se o embasamento teórico da pesquisa, abordando, inicialmente, a problemática do preconceito linguístico, a língua portuguesa do Brasil e suas influências, e os aspectos gerais detalhados sobre Sociolinguística, variação e os metaplasmos linguísticos. Na sessão seguinte, a metodologia utilizada é explicada com detalhes. Contando ainda com o auxílio de apontamentos teóricos, referente a regionalismo, campos de análise semântica e lexical, dedica-se a apresentação e análise dos dados coletados. Finalizou-se com a conclusão do estudo e com a listagem das referências utilizadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO

2.1 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UMA MÁCULA SOCIAL

O preconceito Linguístico é a rejeição presente entre os emissores de um mesmo idioma, onde não há consideração pelas variações linguísticas, como pronúncia, regionalismo, dialetos, gírias e outras diferenças presentes na fala de determinada comunidade (BAGNO, 1999).

O preconceito linguístico como todo o juízo de valor negativo, ou seja, de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito às variedades linguísticas de menor prestígio social. Normalmente, esse prejulgamento dirige-se às variantes mais informais e ligadas às classes sociais menos favorecidas, as quais, via de regra, tem menor acesso à educação formal ou têm acesso a um modelo educacional de qualidade deficitária (BAGNO, 2004).

O preconceito surge a partir do momento em que a sociedade julga as variações da linguagem como um “caos” linguístico, ou ainda como um campo de guerra em que duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa se enfrentam em um duelo ou em um combate mortal (TARALLO, 1986).

Infelizmente, esse pensamento é comum, percebido através de afirmações pejorativas em relação à fala de quem mora no interior, por exemplo. Esse julgamento, cria barreiras para o enriquecimento do patrimônio cultural, visto que, a língua é responsável por transmitir a herança cultural de um povo (BIDERMAN, 1899). Segue alguns exemplos de casos da língua que levam ao preconceito linguístico:

- **Na pronúncia:** em Minas Gerais e na Bahia, os verbos no gerúndio costumam ser **pronunciados** sem o “d” final e substituindo o som de “o” pelo de “u”: *pensanu*, *sentinu*, *fazenu*, por exemplo. O “r”: ele pode ser pronunciado mais seco, como o dos cariocas, ou mais “puxado”, como o dos goianos, representando uma variação fônica.
- **Na Gramática:** a concordância, tanto verbal como nominal. Falar “menas” gente, “nós vai” e “os livro”, por exemplo. Uso da preposição com pronome relativo, por exemplo: *O carro (de) que eu gosto é azul*. O shopping (em) que eu estava pegou fogo.

A existência de língua **única** é um **mito**, que desconsidera a existência de variedades e diversidades linguísticas no país e, conseqüentemente, a população mais carente é **discriminada** por não falar a variante padrão da língua.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola- gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]” (BAGNO, 2007, p. 38)

Portanto, antes de ridicularizar alguém pela forma como fala ou escreve, é preciso procurar entender o que houve linguisticamente para que aquela palavra ou expressão fosse utilizada, por que uma variante escolhida e não outra. A desconstrução do preconceito linguístico pode acontecer a partir do momento em que se reconhece a dinâmica histórica evolutiva da língua.

2.2 A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Em 1500, Pedro Álvares Cabral saiu de Portugal para viagem às Índias, mas, em 22 de abril acabou aportando no litoral da Bahia. Quando a expedição de Cabral rumou ao Brasil, a língua de Portugal apresentava-se em fase final do Português Arcaico (CARNEIRO, 2010).

Ao chegarem ao Brasil encontraram um povo nativo desta terra, chamado indígena. Portanto, A língua nativa do Brasil era a do indígena, mas que, ao ser colonizado, se viu obrigado a adotar a língua portuguesa como padrão, como imposição do colonizador português que além de importar sua língua, impôs também sua religião, sua cultura e comportamento aos povos habitantes do Brasil (PETTER, 2006).

A língua própria do indígena era o Tupi-guarani, falada no vasto território recém-descoberto, inclusive nas fronteiras, mais especificamente, os portugueses descobriram além de terras, este idioma singular. Para se comunicar com os nativos, os colonizadores tiveram que aprender a língua tupi. No entanto, o tupi-guarani veio a funcionar como substrato da língua portuguesa implantada no território (CARNEIRO, 2010).

Segundo Carneiro (2010), a raiz evolutiva da língua portuguesa no Brasil pode ser dividida em três fases:

- **Primeira fase: do início da colonização até 1654.** A língua nativa geral era o tupi. A língua portuguesa era cultivada em Pernambuco e na Bahia por frades, letrados e donos de grandes fazendas.
- **Segunda fase: de 1654 até o final do século XVIII.** O indígena cada vez mais vai perdendo a importância e seus dialetos já proibidos. Surgem as primeiras academias literárias, buscando uma identidade de Literatura e cultura brasileira. A língua portuguesa é oficial, no entanto, recebendo influência de outros europeus e dos negros.
- **Terceira fase: de 1808 (vinda da Família Real Portuguesa) até a atualidade.** Com a crescente urbanização, a diferença entre os falares urbanos e rurais acentuou-se. A partir da independência do Brasil (1822), alguns escritores, entre eles José de Alencar, por meio da Literatura, tentavam pontuar o país independente de Portugal.

A presença estrangeira foi influenciando cada vez mais a língua portuguesa falada no Brasil, levando a incorporação de palavras ao Português, e mesma substituição de palavras, assim, enriquecendo o vocabulário, portanto, diferenciado, gradativamente, da língua dos colonizadores portugueses (CARNEIRO, 2010).

Cita-se algumas palavras que foram incorporadas no vocabulário português: algodão e azeite, do árabe; avenida e tricô do francês, futebol e bife inglês; maestro do italiano, entre outras. Algumas palavras antigas não foram substituídas e, portanto, ainda sobrevivem, em pleno século XXI, tais como: anfitrião, banho-maria, baderna, camelô, ladrão, pindaíba, silhueta, larápio (PETTER, 2006).

No século XX também foram criadas novas palavras citando-se: bauru, biquíni, bicho-grilo, bulimia, depressão, gay, herpes, imagem, libido, modelo, narcisismos e pracinha, mais recentemente: drag Queen, imexível, laptop, larica, site, top model, entre outras tantas, e assim, a Língua Portuguesa vai renovando o seu léxico, com acréscimo, empréstimos e neologismos (PETTER, 2006).

Em síntese, a Língua Portuguesa falada no Brasil, desde a chegada dos portugueses até hoje sofreu muitas mudanças e recebeu influências da língua de vários países, mais precisamente europeia, indígena e africana, portanto a língua portuguesa brasileira tomou forma e identidade a partir da interação destes três elementos culturais.

A influência indígena na Língua portuguesa brasileira - quando os portugueses chegaram aqui, em 1500, conforme já mencionado, as línguas faladas pelos índios eram centenas. Essas línguas foram predominantes até a metade do século XVIII, aos poucos substituídas pela Língua Portuguesa, visto que, os índios eram proibidos de falar suas línguas (SILVA, 2004).

A mais conhecida e utilizada a Tupi guarani, também chamada de Tupinambá, pertence à família Tupi-Guarani. É possível identificar facilmente o léxico Tupi nas Lendas e mitos indígenas, tão conhecidas até a atualidade, demonstrando a tamanha influência e importância do Tupi para a Língua Portuguesa brasileira, no auxílio da construção do seu vocabulário. Português. O léxico Tupi se apresenta também em obras literárias de grandes autores brasileiros, como na obra de José de Alencar, que utiliza nomes em tupi como Iracema, Guarani e Ubirajara (CARNEIRO, 2010).

Atualmente, podemos observar a quantidade de vocábulos tupis que nomeiam: cidades, pessoas, animais, plantas, frutos, acidentes geográficos, etc. Como exemplos, caipira, caipora, cacique, pajé, morubixaba, curumim, cunhã (SILVA, 2004). Segue-se quadro demonstrativo com uma breve lista das contribuições indígena para o português do Brasil:

Comidas	Pururuca, puba, pipoca, maracujá, aipim.
Animais, figuras míticas	Graúna, colibri, arara, acauã, sabiá, irara, sagui, pium, jaguar, jacaré, uru, urutau, urutu, tatu, jararaca, muçurana, paca, içá, boitatá, taturana, saracura.
Vegetais:	imbira, urucu, tapioca, taquara, araçá, jenipapo, mandioca, mandi, pitanga, goiaba, taioba.
Moradias	Tapera, tipiti, oca, girau.
Topônimos e Antropônimos	Iracema, Guaraciaba, Moema, Paraguaçu, Itu, Jaçanã, Maracanã, Guanabara, Canindé, Araraquara, Jaú, Butantã.

Ilustração 1 - Influência indígena na língua portuguesa. Fonte: (SILVA, 2004).

Conforme as informações dos autores consultados, o Português Brasileiro provém também do Tupi-Guarani, que lhe cedeu cerca de 10.000 vocábulos. De maneira geral, a grande diversidade que hoje apresenta a Língua Portuguesa do Brasil

abrange, além das formas populares, os empréstimos e o estrangeirismo que se infiltram em nosso vocabulário frequentemente.

Influência africana para a língua portuguesa brasileira - por conta da escravização dos africanos e seu tráfico, observa-se, a confluência de línguas africanas com o português, por conta do contato linguístico, alterando a língua portuguesa nas colônias sul-americanas. Neste contexto, atesta-se a participação de falantes africanos na construção da modalidade da língua e da cultura representativas do Brasil (CARNEIRO, 2010).

Na primeira metade do século XVI, iniciado o tráfico de escravos entre o Brasil e África, ao século XIX, o tráfico transatlântico trouxe em cativeiro para o Brasil quatro a cinco milhões de falantes africanos, originários de duas regiões da África subsaariana: a região banta, situada ao longo da extensão sul da linha do equador, e a região oeste africana ou “sudanesa”, que abrange territórios que vão do Senegal à Nigéria (PETTER, 2006). Segue quadro demonstrativo com alguns exemplos da influência das línguas africanas para o português Brasileiro:

Nomes geográficos	Bangu, Quilombo, Cachimbo
Divindades e crenças	Iemanjá, ogum, zumbi, macumba, candomblé
Danças e instrumentos musicais	samba, batuque, agogô.
Alimentos, iguarias e bebidas	Acará, angu, vatapá, cachaça.
Animais, aves e insetos	maribondo, camundongo.
Árvores plantas, legumes, frutas	inhame, maxixe, quiabo
doenças	calombo, caxumba.
Objetos de uso, enfeites e vestes	miçanga, tanga.
Habitação	senzala, mocambo, cafua.
Pessoas, considerando sexo, idade, condição social;	moleque, mucama, dengo.

Ilustração 2 - Influência das línguas africanas para o português Brasileiro. Fonte: (ABAURRE, 2006).

Numerosas são as palavras de origem das línguas faladas pelos africanos que foram incorporadas ao léxico português do Brasil, citando-se o dialeto nagô ou ioruba

(grupo sudanês), presente, principalmente na Bahia, e o dialeto banto e o quimbundo português (ABAURRE, 2006).

Conforme Petter (2006, p. 124) “não é possível saber com exatidão quantas línguas africanas chegaram ao Brasil. Porém, a autora tem uma estimativa de que 200 a 300 línguas africanas aportaram aqui”, do que corrobora Silva, (2004, p. 112):

Por todo o período colonial, de 1532 a 1822, a taxa populacional de africanos e afro-brasileiros, de indígenas e seus descendentes somados atinge uma constante média de 70% da população enquanto os portugueses europeus e os seus descendentes perfazem, consequentemente, 30% do todo. Esse fator demográfico indica que a massa da população colonial adquiriu a língua hegemônica da colonização, o português europeu, numa situação hoje designada de aquisição imperfeita ou de aprendizagem irregular, isto é, em condições de história familiar que configuram a situação de aquisição de uma língua segunda. Acrescenta-se a essa situação bilíngue/multilíngue o fato de essa aquisição se ter processado plenamente na oralidade, sem sistematização e a pressão normativa da escolarização e consequentemente sem o suporte regulador da língua escrita).

Ao longo dos três séculos e meio de regime escravocrata, então, por ocasião do tráfico negreiro, foram muitas as palavras e expressões trazidas pelos escravos vindos da África. Portanto, os africanos exerceram real influência na formação da nossa nacionalidade e foi bastante relevante para a língua portuguesa.

2.3 A SOCIOLINGUISTICA: A LÍNGUA NA PRÁTICA SOCIAL

A Linguística é o estudo científico da linguagem verbal humana, voltada para a explicação de como a linguagem funciona e de como são as línguas em particular, tendo se ramificado em outras áreas do saber. Aplicada ao estudo da língua materna é chamada de Sociolinguística (CAGLIARI, 2001).

Corrobora Bortoni-Ricardo (2005), afirmando que na Linguística há esta ramificação que se dispõe a estudar e investigar a relação entre língua e sociedade, se ocupando, principalmente, das diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades.

A sociolinguística é uma subárea da Linguística que estuda e avalia a língua no seio das comunidades de falantes. Ela se interessa por muitos aspectos linguísticos, como o contato com as línguas, tudo o que se refere ao surgimento e ao mesmo tempo o desaparecimento de uma língua e também as variações e mudanças que nela ocorrem, focalizando a heterogeneidade dos empregos linguísticos (TARALLO, 2009).

A sociolinguística surgiu na década de 60 nos Estados Unidos, para estudar as variações da língua inserida no contexto social em que se encontra o falante no momento da enunciação e busca explicações para os fenômenos que ocorrem na linguagem no processo de interação. Ela firmou-se com a liderança do linguista William Labov, seu precursor, denominada como sociolinguística ou teoria da variação, corrente que leva em consideração aspectos sociais ou diastráticos e geográficos ou diatópicos. Ele justamente estudou as línguas e consequentemente os aspectos culturais, sociais e político (CARVALHO, 2008).

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. Sobre os aspectos sociais ou diastráticos Mussalim; Bentes (2001, p. 35), enfatizam que:

[...] relacionam um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Neste sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social; a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social.

A língua é de caráter social e sujeita a mudanças, ajustes e evolução. A Sociolinguística possibilita compreender os fatores de variação e mudança linguística e as características da linguagem, da cultura e da sociedade. Trata-se de um movimento de transformação, contribuindo com suporte teórico voltado para análise e diagnóstico de eventos em torno da língua portuguesa falada (PRETTI, 2000).

Segundo Bartoni-Ricardo (2005), a Sociolinguística divide-se em três linhas: variacionista, interacional e educacional:

- **Sociolinguística Variacionista:** também conhecida como teoria da variação, encarrega-se de estudar as variações da língua em uso na comunidade de fala. Tal estudo trata a língua como produção social que pertence a todos os indivíduos de uma comunidade.
- **Sociolinguística Interacional ou Sociointeracionismo:** surgiu na década de 1970, tendo como foco as interações linguístico-sociais, as interpretações e inferências produzidas pelos interlocutores a partir dessa relação, sejam ligadas a traços linguísticos ou não linguísticos, como gestos, expressões faciais e pausas

- **Sociolinguística Educacional:** tem se constituído como um campo de aplicação da Sociolinguística aos programas de formação de docentes para o ensino de língua materna.

Pesquisas no campo da Sociolinguística, coleta dados para análise, que podem ser submetidos a um tratamento estatístico, de modo a possibilitar ao linguista a sistematização da variação existente na língua sob investigação. Possibilita aos estudiosos ver a regularidade e a sistematicidade, ao investigar processos de mudança em progresso, além de coletar dados em amostras de língua falada, também busca evidências no passado da língua para determinar de forma precisa se o fenômeno investigado está num estágio de mudança ou de variação (ROSA, 2015).

Conforme Martins (2014), uma pesquisa sociolinguística compreende a análise, o discurso, obtido através de entrevistas sobre assuntos cotidianos, para que os informantes possam responder, espontaneamente, às perguntas solicitadas, em ambientes que lhes sejam familiares, nos quais se sintam à vontade para falarem.

2.4 VARIAÇÃO LINGUISTICA: CONCEITOS, CLASSIFICAÇÃO E TIPOLOGIA

Estudar as variantes da língua permite compreender o processo de comunicação, de compreensão dos falares e seus significados e significância. O estudo da variação **linguística**, dedica-se a analisar os **diferentes modos em que é possível expressar-se em uma língua**, levando-se em conta a escolha de palavras, a construção do enunciado e até o tom da fala.

A variação da linguagem é um fato natural que acontece devido à variedade existente nos sistemas de uma língua e se relaciona as possibilidades de mudança de seus elementos, visto que a língua se renova constantemente, sendo assim, as línguas não são uniformes, são variáveis e dinâmicas (BAGNO, 2012).

As variações da linguagem dizem respeito a fenômeno linguístico que trata da relação que há entre Linguagem, sociedade e cultura, representando objeto de estudo da Sociolinguística, que observa a língua falada dentro de um contexto social e em seus momentos distintos de uso (BAKTHIN, 1997). Tarallo (1994) descreve que a variação não necessariamente implica mudança, mas toda mudança é sempre precedida de variação.

Segundo Cunha (1992), os termos variantes, variável e variedade são aspectos importantes para a Sociolinguística, se fazendo necessário sua compreensão quanto as suas diferenças entre si.

- **Variante:** designa o item linguístico que é alvo de mudança.
- **Variável:** é o traço, forma ou construção linguística, cuja realização apresenta variantes observadas por um pesquisador.
- **Variedade:** cada variedade linguística tem uma gramática própria. Dentro de cada variedade há traços próprios e há variação interna, isso em função de vários critérios: idade, sexo, escolaridade, entre outros. Há variedades de ordem geográfica, social e individual.

A língua pode ser analisada a partir de dois pontos de vista: o **sincrônico** (estuda o modo em que se encontra a língua em um determinado momento) e o **diacrônico** (estuda o processo de evolução e transformações da língua) (VASCONCELOS, 2008).

A diacronia interessa-se pela evolução da língua e suas causas, buscando entender as relações que os fatos estabelecem com os que vieram antes ou depois dele, por tal, leva em conta o decorrer do tempo (CAMACHO, 1984). Ainda conforme o autor supracitado, o termo sincronia refere-se à relação dos fatos de uma determinada língua num determinado momento de sua história.

Os linguistas, no século XIX, buscavam explicar as mudanças linguísticas, contexto que se destacava a linguística diacrônica, também chamada de “linguística histórica”. No começo do século XX, o ponto de vista “sincrônico”, voltado para a descrição do funcionamento do sistema da língua, foi enfatizado pelo linguista Saussure, mas considerando também o ponto de vista diacrônico (PETTER, 2019).

Sincronia: ao mesmo tempo Diacronia: através do tempo

Dentro das variações linguísticas há quatro tipos de distinção: variações históricas (diacrônicas), variações geográficas (diatópicas), variações sociais (diastráticas) e variações estilísticas (TARALLO, 2007).

Variações diacrônicas (históricas): tratam das mudanças ocorridas na língua com o decorrer do tempo, pois algumas expressões deixaram de existir, outras se transformaram com a ação do tempo e ainda, surgem outras novas.

O termo diacronia para se referir a todo aquele conjunto de transformações que ocorrem numa dada língua, é na verdade, toda história de uma língua porque passam as palavras, as transformações na estrutura, as transformações na própria fonética ou na ortografia (CARVALHO, 2008).

Como exemplo o pronome de tratamento “você”, que no português arcaico era “vossa mercê”, passando a ser usado como “vosmecê, com o passar dos séculos, reduziu-se para “você”, incorporada pela norma-padrão do português brasileiro, em contextos informais abreviou-se como “cê”, na escrita informal da Internet como “vc” (TARALLO, 2007).

Há também mudanças na grafia por meio de reformas ortográficas, tais como: “phase”, assim escrita até a reforma ortográfica de 1911, passando a ser escrita “fase”. O trema foi abolido, a partir da reforma ortográfica de 2016 (TARALLO, 2007).

A gíria também é um grande exemplo de **variação diacrônica**. A gíria é uma alteração de sentido de um vocábulo. Trata-se de um recurso de expressividade, marca característica da linguagem de um grupo social, sendo o fenômeno mais utilizado no vocabulário urbano, mas também há o enfoque geográfico (CAMACHO, 2007).

No que se refere a palavras que deixam de ser usadas, como exemplo, gírias da década de 1970: jovens diziam que algo era “supimpa” ou “aquele broto”, ou aquele rapaz é um pão”, nos anos 2000, estas gírias foram substituídas por “da hora” ou que “aquela mina é mó gata”. Cerveja como “breja” em São Paulo e “cerva” no Rio de Janeiro (grifo nosso).

Variações diatópicas (geográficas): variação que ocorre mesmo dentro do próprio país, como no caso, no Brasil, onde há diferenças de léxico (palavras) ou de fonemas (sons e sotaques). Como por exemplo, um brasileiro, um angolano e um português, que são falantes da língua portuguesa, no entanto, de três países diferentes, sendo que a mesma língua não é falada da mesma forma. Em um mesmo Estado também há diferenças entre a capital e cidades do interior (MOLLICA, 2003). Como exemplos mais comuns: “Mandioca”, “aipim” ou “macaxeira” e, ainda, “biscoito” ou “bolacha” (grifo nosso).

Variações diastráticas (sociais): diferenças de acordo com o grupo social do falante, como as gírias, que além de variar histórica e geograficamente, no caso da

variação social, está ligada à **faixa etária** do falante, visto que é utilizada como linguagem informal dos mais jovens (CAMACHO, 2007).

Variações ligadas a grupos sociais específicos, há as expressões informais, como exemplo: grupo de jogadores de Futebol usam a expressão “carrinho”, cujo significado não será entendido por uma criança ou por uma pessoa que não gosta de deste esporte. “Meia-lua”, expressão usada em grupos de capoeira (MOLLICA, 2003).

Ainda segundo o autor supracitado, há neste tipo de variação, os jargões, que tramitam na linguagem das profissões, por meio dos termos técnicos ou de expressões, por exemplo: policiais utilizam positivo, operante entre outros.

Variações diafásicas (estilísticas): conforme Camacho (2007), estas variações remetem ao contexto, adaptação da fala e seu estilo. Na fala, o tom de voz também tem papel importante. Podem ser citadas questões de linguagem formal e informal, adequação à norma-padrão, culta, ou mesmo despreocupação com seu uso, linguagem mais coloquial e familiar.

Quanto a linguagem formal e informal, Tarallo (1994), afirma que variantes de uma comunidade de fala encontram - se sempre em relação de concorrência: padrão versus a *não*-padrão; conservadoras versus inovadoras e de prestígio versus estigmatizadas. As variantes inovadoras são quase sempre *não*-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade e a variante considerada padrão é conservadora e de prestígio sociolinguístico.

A norma culta, é o nome que se dá ao conjunto das variedades faladas pelas pessoas que têm escolaridade superior completa, nascidas e criadas em ambiente urbano (CÂMARA JR, 1985).

A norma padrão se conceitua como as convenções da língua, com regras gramaticais que buscam nortear seu uso, de modo que falantes de uma mesma língua, apesar das variações existentes, consigam entender-se por um padrão comum a todos (CAMACHO, 2007).

Assim, compreende-se que com base nas regras comuns da norma-padrão da língua portuguesa, um jovem nascido no Acre, por exemplo, conseguirá comunicar-se com uma senhora que viveu em Santa Catarina (grifo nosso).

A variedade-padrão representa um elo simbólico entre os membros de um grupo social que fala diferentes variedades, contribuindo, por isso, para unificá-los em torno

de uma verdadeira comunidade linguística, ou seja, tem função unificadora (GNERRE, 1985).

É possível considerar dois limites extremos na transição entre os diferentes estilos possíveis: o estilo informal, em que é mínimo o grau de reflexão sobre as formas empregadas, e o estilo formal, em que é máximo o grau de reflexão que se projeta sobre as formas linguísticas. A diferença essencial entre os dois graus extremos reside nos diferentes graus de adesão ao uso de formas padrão ou variantes de prestígio: no estilo informal a adesão às formas prestigiadas ou cultas é menor do que no estilo formal (CAMACHO, 2011).

Há diferenças entre linguagem formal e linguagem informal e sua utilização vai depender da situação e do contexto, portanto, respeita-se a situação da interação social, levando-se em conta ambiente e expectativas dos interlocutores. Compreendese, portanto, que a linguagem utilizada entre amigos não é a mesma utilizada em uma entrevista de emprego, e ainda, também será diferente da usada para falar com os vós. De maneira geral, tanto a linguagem considerada padrão quanto a coloquial, que são variações da Língua Portuguesa, possuem o intuito de comunicar, mas, utilizadas em contextos distintos.

2.5 METAPLASMOS LINGUÍSTICOS

Todas as línguas são dinâmicas, com formas distintas, tanto no nível semântico quanto no nível vocabular. O Brasil é um celeiro dessas formas diferenciadas de linguagem, inclusive, com o fenômeno de redução de algumas formas linguísticas, como é o caso dos metaplasmos por subtração, utilizados pelos falantes, às vezes, para facilitar a interação e a compreensão da comunicação linguística entre si (MOLLICA, 2003).

Para discorrer sobre Metaplasmos linguísticos é preciso reconhecer os fatores da dialeção, as suas causas e as suas consequências, o que tem relação com fatores de evolução lingüística. Em uma comunidade há sempre muitas modalidades de uso da língua e, o que determina fatores de modalidades não dependem exatamente de um indivíduo falante isolado, pois são vários os fatores, como por exemplo, todas as modalidades e todas as coisas que acontecem em sociedade (VASCONCELOS, 2008).

As modalidades estão relacionadas a fatores regionais e ou sociais, produzidos pelos usos variantes da língua de uma dada comunidade linguística, chamados de dialetos, que se formam nas posições linguísticas secundárias ou primárias onde se agrupam. Desta forma, têm-se os conceitos de falares ou linguagem regional e falares nacional (TARALLO, 1982).

A língua nacional é comum a todos os falares, reunindo todos os falares regionais, o que representa o sistema de possibilidade de uso da língua. O fenômeno da dialetação se dá quando, normalmente, a região em que a língua é muito utilizada é muito grande, onde há má política organizada, mas também há algumas restrições de ordem extralinguísticas (TARALLO, 1982). Observa-se:

- **Sentimento linguístico comum e espontâneo:** os usuários normalmente sentem uma língua comum entre eles e a reconhece como tal.
- **Existência de uma linguagem culta ou um padrão linguístico** - o dialeto não passa de uma variação sem grandes expressões, não se expressa normalmente de forma literária.
- **Política nacional e organizada** – normalmente, um dialeto não se efetiva e quando se efetiva, não se mantém.

Quando se verificam essas condições extralinguísticas, já não se tem dialetos, mas sim línguas distintas. Quando um dialeto apresenta variações muito grandes, ela pode ser considerada uma variação de uma formação de uma nova língua, o que acontece, quando o dialeto é muito efetivo, passa figurar como uma nova língua diferente (CÂMARA JR, 1984).

Segundo o autor supracitado, há algumas características linguísticas fundamentais, ou essenciais na identificação de um dialeto. Essas características são de ordem fonológicas e morfológicas, ou seja, determinada região, com uma comunidade linguística utiliza de uma pronúncia diferente e, até mesmo de um vocabulário diferente. Compreende-se que são as variantes fonológicas e o vocabulário particular que caracterizam um dialeto.

Os processos metaplasматыcos explicam a transformação da língua no passado, através da linha do tempo (estudos diacrônicos) e são usados para entender a língua no presente em determinada localidade (estudo sincrônico) de maneira científica. (CARVALHO, 2008).

A cada instante, a linguagem implica, ao mesmo tempo, em um sistema estabelecido, sincrônico, e uma evolução diacrônica. As duas são igualmente importantes, embora que no século XXI romaria significará: peregrinação religiosa, enquanto, anteriormente, significou: ir a Roma ver o papa (CAMACHO,1984)

É possível perceber que muitas palavras sofrem mudanças no decorrer do tempo e essas mudanças não são percebidas pelos falantes comuns, sendo identificadas pelos estudiosos do assunto. O conjunto de fatos correlacionados ou opostos determina um estado linguístico. Estes estados linguísticos são constituídos de elementos fonéticos, elementos mórficos, elementos sintáticos e elementos semânticos (CAMACHO,1984)

O termo sincronia refere-se à relação dos fatos de uma determinada língua num determinado momento de sua história, observamos um exemplo extraído da carta de Pero Vaz de Caminha, quando Caminha relata ao rei de Portugal o achamento ou descobrimento do Brasil (CAMACHO,1984)

O termo diacronia para se referir a todo aquele conjunto de transformações que ocorrem numa dada língua, é na verdade, toda história de uma língua porque passam as palavras, as transformações na estrutura, as transformações na própria fonética ou na ortografia (CARVALHO, 2008).

Os metaplasmos são processos por que a língua sofre transformações parciais de ordem fonética, de forma a constituir novos significantes para os mesmos significados (por exemplo: vocabulário > vocabularo, significando ambos o “conjunto de vocábulos de uma língua” (CÂMARA JR,1984).

Esses processos na língua são chamados de metaplasmos e são estudados, sendo as modificações fonéticas que os vocábulos sofreram ao longo da sua evolução (COUTINHO,1976). Três leis fonéticas foram determinantes na passagem do latim para o Português, o que iniciou a geração de metaplasmos linguísticos:

1. Lei do menor esforço (quedas de fonemas com vistas a facilitar a articulação);
2. Lei da permanência da consoante inicial (isto é, a manutenção das consoantes iniciais e modificações e queda das finais);
3. Lei da permanência da sílaba tônica (permanência da acentuação tônica do latim).

Conforme Coutinho, (1976), etimologicamente, a palavra metaplasmo significa

“mudança de forma”, mais especificamente, transformações fonéticas que os vocábulos sofrem durante a sua evolução histórica. Portanto, um metaplasmo é uma alteração intencional do código, é exercício de criatividade sobre a língua. São praticados nos diversos níveis linguísticos: gráfico, ortográfico, fonológico e gramatical.

Os metaplasmos são altamente presentes em registros informais das línguas e baseados sobretudo na oralidade. Com o tempo, algumas delas acabam sendo registradas nos dicionários, enquanto outras pertencem apenas ao registro informal.

2.5.1 Classificação e tipologia dos metaplasmos linguísticos

Os metaplasmos são modificações fonéticas que as palavras sofreram durante a sua evolução, do Latim para o Português; e essas alterações, são apenas fonéticas, conservando, as palavras, mesma significação. Essas modificações podem ser de espécies que se dividem em metaplasmo por permuta; metaplasmo por aumento; metaplasmo por subtração e metaplasmo por transposição (CÂMARA JR,1984).

1.POR PERMUTA: consiste na substituição ou troca de um fonema por outra: conforme os seguintes fenômenos: sonorização, vocalização, consonantização, assimilação, dissimilação, nasalização, desnasalação, apofonia e metafonia. como exemplo por Advogado **Adevogado/Advogado**.

2. POR AUMENTO, OU ADIÇÃO: quando são adicionados fonemas à palavra, aumentando assim a sua forma fonética. Pertencem a essa classe: prótese, ou prótese, epêntese, paragoge ou epítese (CARVALHO; NASCIMENTO,1969).

Epêntese é a inserção de um fonema no meio da palavra na língua moralizada, conforme o quadro, observadas na língua oral destacam-se, segundo (CARVALHO, 2007):

lista - listra.
asterisco - asterístico;
lista > listra (forma registrada em dicionário);
beneficência - beneficiência;
prazerosamente - prazeirosamente; estalo -
estralo

Ilustração 3 - Quadro demonstrativo de Epêntese. Fonte: Carvalho (2007).

Dos casos em que ocorre epêntese, asterisco > asterístico; lista > listra (forma registrada em dicionário); beneficência > beneficiência; prazerosamente

prazerosamente; e estalo > estralo (forma registrada em dicionários) (CARVALHO 2007).

Prótese: É o nome que caracteriza o fenômeno de inserção de um fonema no início da palavra, como por exemplo em Soar Assoar, o como observa-se a dinâmica no quadro demonstrativo, segundo Carvalho (2007):

renegar > arrenegar (registrada em dicionários);
voar > avoar (registrada em dicionários);
lembrar > alembrar;
soar > assoar (registrada em dicionários, com a acepção de “limpar o nariz”).

Ilustração 4 - Quadro demonstrativo de Prótese. Fonte: Carvalho (2007).

Há também neste grupo, a Anaptixe (ou suarabácti), nome dado ao fenômeno de acrescentar uma vogal para desfazer um grupo consonantal (CARVALHO; NASCIMENTO, 1969).

As alterações mais comuns na fala espontânea ocorrem com acréscimos de fonemas que geram outra forma de falar a mesma coisa, ou seja, sincronicamente, essas “mudanças” se expressam observância, que decorre não só da historicidade, mas também podem ser motivadas por outras restrições linguísticas ou a depender do status social do falante (CARVALHO, 2008).

4. **POR TRANSPOSIÇÃO:** consiste na deslocação de fonema ou de acento tônico da palavra. A transposição de um fonema toma o nome de Metátese, podendo ocorrer na mesma sílaba ou entre sílabas.

perguntar > preguntar; barganha > braganha; prateleira > parteleira;
entreter > enterter,

Ilustração 5 - Quadro demonstrativo de metátese. Fonte: Carvalho (2007)

4. **POR SUPRESSÃO OU SUBTRAÇÃO:** São os que tiram ou diminuem fonemas à palavra: aférese, síncope, apócope, crase, sinalefa ou elisão (CARVALHO; NASCIMENTO, 1969).

Aférese é o nome que caracteriza o fenômeno de repressão de um fonema com uma sílaba no início de um vocábulo. Exemplo: José por Zé. Observa-se no quadro demonstrativo, segundo Carvalho (2007):

ainda > inda; até > té;
 está > tá (forma registrada); espera > péra; José > Zé; você
 > cê; uniforme >
 niforme (ou liforme).

Ilustração 6 - Quadro demonstrativo de Aférese. Fonte: Carvalho (2007).

Conforme Carvalho (2007): A palavra “universitário” sofreu aférese do fonema /u/ e monotongação do ditongo /io/ final, resultando em “niversitaro. **Nem lugio e nem istima:** A palavra “elogio” sofreu aférese do fonema /e/ e metafoia do fonema /o/, que passou a /u/. Estes processos deram resultado à palavra “lugio” e a palavra “estima” sofreu metafoia do /e/, que passou a /i/, resultando na palavra “istima”. **E não istruí papé** A palavra “destruir” sofreu aférese do fonema /d/, metafoia do fonema /e/ e apócope do fonema /r/, resultando na palavra “istruí” e a palavra “papel” sofreu apócope do fonema /l/ e passou a “papé”.

Apócope: é o nome dado ao fenômeno que suprime um fonema no final do vocábulo, como lâmpada e lampa. Outros exemplos, segundo Carvalho (2007):

bobagem = bobagi, bobage;; quer >
 qué;
 parênteses > parentes; furúnculo >
 furunco; lâmpada > lampa; rapaz >
 rapá; licença > cença.

Ilustração 7 - Quadro demonstrativo de Apócope. Fonte: Carvalho (2007).

Não vá recebê carinho: A palavra “receber” sofreu apócope do fonema /r/ e resultou em “recebê”. **Mas garanto sê fié.** A palavra “ser” sofreu apócope do fonema /r/, resultando na palavra “sê”; e a palavra “fiel” sofreu apócope do fonema /u/, e passou a “fié”. (CARVALHO, 2007).

Síncope: É o nome dado à supressão de fonemas no meio do vocábulo, como em negro e nego. Observa-se no quadro demonstrativo, segundo Carvalho (2007):
 bêbado > bebo;

cócegas > coscas;
 padrinho > padinho;

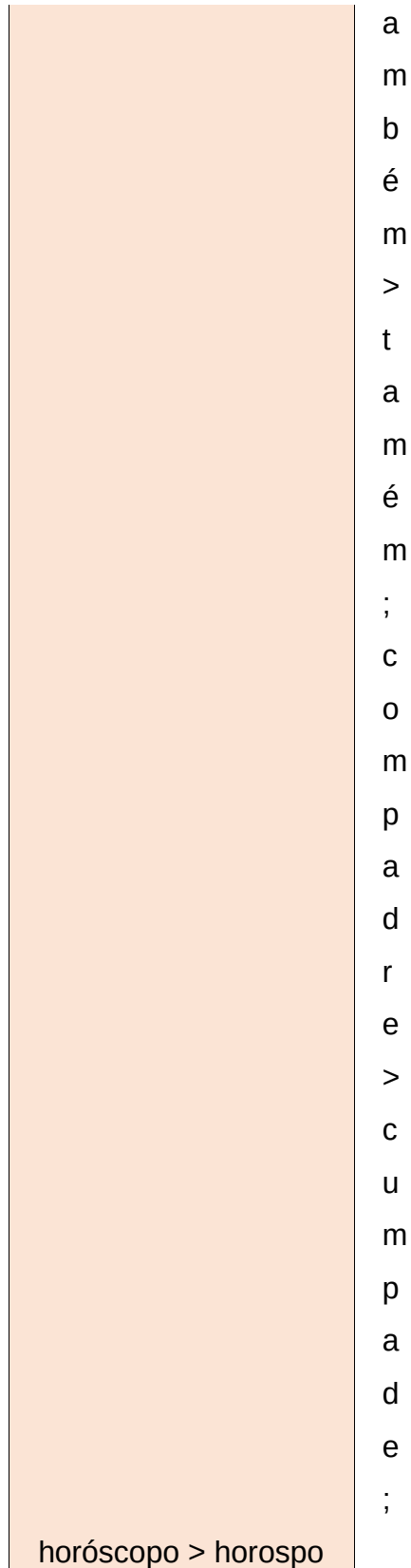


Ilustração 8 - Quadro demonstrativo de Síncope. Fonte: Carvalho (2007)

5. Por transformação: ocorre quando um fonema de um vocábulo se transforma, passando a ser outro fonema distinto em lugar do primeiro. Pertencem a essa classe a degeneração, rotacismo, lambdacismo, ditongação, monotongação, palatização e despalatização.

Rotacismo: transformação do fonema /l/ em /r/:

alface > arface;
 almoço > armoço; aluguel
 > aluguer
 Flamengo > framengo; flauta > frauta flecha > frecha

Ilustração 9 - Quadro demonstrativo de Rotacismo. Fonte: Carvalho (2007)

Tarvez este meu livrinho: A palavra “talvez” sofreu rotacismo, pois o fonema /l/ foi substituído pelo fonema /r/, passando a “tarvez” (CARVALHO, 2007).

Metafonia: É o nome dado à alteração do timbre ou altura de uma vogal:

direito > dereito; diferente > deferente;
 semente > simente;

Ilustração 10 - Quadro demonstrativo de Metafonia. Fonte: Carvalho (2007)

Mais especificamente, conforme Coutinho (1976), neste grupo há casos de:

- **Degeneração:** é o processo de transformação do fonema /b/ em fonema /v/: assobiar > assoviar.
- **Desnasalação:** é o processo de transformação de um fonema nasal em um fonema oral: virgem > virge, homem > home.
- **Dissimilação:** é o processo em que há a transformação de um fonema para diferenciá-lo de um outro semelhante existente na mesma palavra: pílula > pírlula, privilégio > previlégio.
- **.Lambdacismo:** é o fenômeno em que acontece a transformação do fonema /r/ em /l/: cabeleireiro > cabeleleiro, freira > fleira.
- **Ditongação:** é o nome dado ao processo em que ocorre a transformação de uma vogal ou um hiato em ditongo: bandeja > bandeija, caranguejo > carangueijo.
- **Monotongação:** é o nome dado ao processo em que há uma transformação ou redução de um ditongo em uma vogal: doutor > dottor, manteiga > mantega.
- **Nasalação:** é o processo de transformação de um fonema oral em um fonema nasal: igual > ingual, identidade > indentidade.
- **Palatização:** é o nome do processo de transformação de um ou mais fonemas em uma palatal: família > familha.

- **Sonorização:** é o processo de transformação de um fonema surdo, em posição intervocálica, à sua homorgânica sonora: cuspir > guspir.
- **Despalatização:** é o nome dado ao processo em que há a transformação de fonema palatal em fonema nasal ou oral: cabeçalho > cabeçálio.

Como observado, os metaplasmos linguísticos dividem-se em tipos, conforme sua motivação. Sua ocorrência na língua portuguesa teve início lá no processo de dialetação do latim para o português.

Nesse sentido, Câmara Jr (1984), considera o caráter atual e dinâmico desse fenômeno, que não abarca apenas os processos que a língua sofreu na passagem do latim para o português, mas, também ocorre na língua atual, agindo e transformando a Língua Portuguesa.

Inteirar-se sobre o assunto traz a compreensão de como as modificações se manifestam e para o entendimento da língua como “produto” homogêneo e imutável, sempre em processo de transformação.

3 METODOLOGIA

3.1 SUPORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

A metodologia é importante para toda e qualquer pesquisa científica e para isso é preciso seguir normas, em cada procedimento a ser realizado, isso garante a credibilidade da pesquisa científica (GIL, 2008). De modo geral, compreende-se que a metodologia científica é o conjunto de procedimentos que uma ciência faz uso para, por exemplo de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), observar analisar e correlacionar à teoria Variacionista.

Não há metodologia sem pressupostos de uma teoria, e para cada teoria, há procedimentos metodológicos adequados. Portanto, a metodologia, precisa ser coerente aos pressupostos teóricos. Este estudo dedica-se à da Sociolinguística, a qual, segundo Moura (2007, p. 11), objetiva “compreender os complexos padrões de interação entre língua, cultura e sociedade”.

Mais especificamente, o suporte teórico-metodológico se direciona à Teoria da Variação Sociolinguística, coletando dados que refletem o uso da língua em um

contexto social heterogêneo. Conforme Santos (2009), a Sociolinguística Variacionista estuda a língua em uso em uma comunidade linguística.

3.2 NATUREZA E OBJETIVOS DA PESQUISA

Do ponto de vista da sua natureza, uma pesquisa pode ser básica ou aplicada. Neste estudo apresentado, trata-se de uma pesquisa de natureza **básica**, também chamada de pesquisa pura ou fundamental, visto que, este tipo tem como finalidade o avanço e disseminação do conhecimento científico, para compreensão de fenômenos naturais ou de outro tipo, sem a necessidade de aplicabilidade prática. É um dos tipos de pesquisa mais comuns no âmbito acadêmico, principalmente em Trabalhos de Conclusão de Curso (APPOLINÁRIO, 2011).

Do ponto de vista de seus objetivos uma pesquisa pode ser exploratória, descritiva, explicativa. Quanto ao **objetivo**, a pesquisa para este TCC tem caráter **exploratório e descritivo**.

A pesquisa exploratória representa preparação preliminar, no intuito de compilar e entender o que há de teoria sobre o assunto. O objeto de estudo é alvo de muitas análises, a fim de identificar variáveis e obter o entendimento (SEVERINO, 2007).

A pesquisa descritiva, como o próprio nome diz, é definida como aquela que descreve uma realidade, um fenômeno e também dados científicos, sem que haja interferência do pesquisador (ANDRADE, 2010). No contexto deste TCC, a pesquisa descreve os falares de moradores da Comunidade Nova Esperança, pertencente ao município de Itaituba, Pará, que são oriundos do Estado de Goiás.

3.3 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DA PESQUISA

Segundo Prodanov e Freitas (2013), quanto aos procedimentos técnicos a pesquisa científica pode ser bibliográfica, documental, experimental, pesquisa de campo, estudo de caso, pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação e pesquisa participante. Para este TCC, os procedimentos técnicos adotados referem-se a uma pesquisa bibliográfica e a uma pesquisa de campo, na comunidade mencionada.

Uma pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de pesquisas anteriores, feitas por outros pesquisadores, já analisadas e publicadas em livros ou em revistas, incluindo artigos, monografias e dissertações disponibilizados também por meios

eletrônicos. Seu objetivo é reunir e analisar textos publicados, para apoiar o tema escolhido, se caracterizando por leitura de livros, artigos acadêmicos, jornais ou qualquer outro material de cunho técnico ou acadêmico (SEVERINO, 2007).

As principais consultas bibliográficas realizadas compreendem: Bagno (1999, 2004, 2006, 2007 e 2012), Camacho (1984, 2006 e 2007), Mollica (2003), Tarallo (1994,2007), entre outros de grande valia para esta pesquisa.

A segunda etapa deste estudo dedicou-se a uma pesquisa de campo, na já citada comunidade Nova Esperança. Uma pesquisa de campo se caracteriza por investigações somadas às pesquisas bibliográficas. Conforme Marconi e Lakatos (2011), a pesquisa de campo consiste na observação de fatos e fenômenos como ocorrem em loco (no lugar).

Uma pesquisa de campo é atividade que exige técnicas de coleta de dados apropriadas à natureza do tema para seu registro e análise. O primeiro passo é conhecer a comunidade escolhida. Ter contato com os informantes antes da realização da coleta de dados, contribuirá para uma maior familiarização com a comunidade e permitirá que o pesquisador possa se inteirar, previamente, antes do uso de equipamentos que para o registro, figurando como atividade de sondagem preliminar do campo e seus sujeitos (SANTOS, 2009).

Conforme a autora supracitada, para o registro e análise do fenômeno selecionado, decide-se a quantidade da amostra, ou seja, o número de indivíduos, no caso desta pesquisa, compartilha determinado uso linguísticos, e, assim, se terá uma amostra representativa da fala dessa comunidade.

Outro passo a ser tomado, segundo Oliveira e Silva (2003), é a seleção dos falantes, a aleatória estratificada a amostra, levando em consideração, indivíduos com as mesmas características dialetais para a análise proposta. Ressaltando-se que número mínimo recomendável de indivíduos por célula é de cinco (5) falantes, dependendo da extensão da comunidade.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: ENTREVISTAS GRAVADAS

A fala natural dos falantes selecionados foi captada por meio de entrevistas presenciais, gravadas e transcritas por meio do APP, **Voz a Texto Texto a Voz**. Segundo Rojo (2021), com o reconhecimento de voz, as palavras são convertidas em caracteres escritos na tela. Também pode ser usado sem conexão com a Internet.

APP, **Voz a Texto Texto a Voz**, com versão 16.0, com mais de 1000.000 de Downloads, SO Android 4.0 ou superior.

3.5 A ABORDAGEM PARA A ANÁLISE DOS DADOS

A próxima etapa constitui a análise dos dados com o intuito de demonstrar as variações e metaplasmos linguísticos presentes nas falas do grupo selecionado da Comunidade Nova esperança, análise que consiste em usar os dados como argumento demonstrativo do fenômeno investigado.

Sob o ponto de vista da forma de abordagem do problema ela pode ser quantitativa ou qualitativa. A abordagem adotada é a qualitativa que, partindo-se dos apontamentos Minayo (2009), compreendeu-se que por meio deste tipo de abordagem busca-se compreender a complexidade do fenômeno, de forma fundamentalmente interpretativa, no entanto, é imprescindível a fidelidade aos dados coletados por parte do pesquisador. As pesquisas bibliográficas, de objetivo exploratório e descritivo, geralmente, se valem da abordagem qualitativa.

Recursos materiais: celular, prancheta, caneta, gravador, condução, computador, Internet, pen-drive, impressora, papel A4 e data show.

3.6 LOCAL DA PESQUISA

A comunidade Nova Esperança, localiza-se no ramal dos goianos, a 33 quilômetros a noroeste da sede do município de Itaituba, Estado do Pará. A comunidade compreende uma área de 11 quilômetros de extensão banhada pelo rio Piracaná. O acesso a mesma se dá através da estrada de Barreiras entrando no ramal São Benedito.

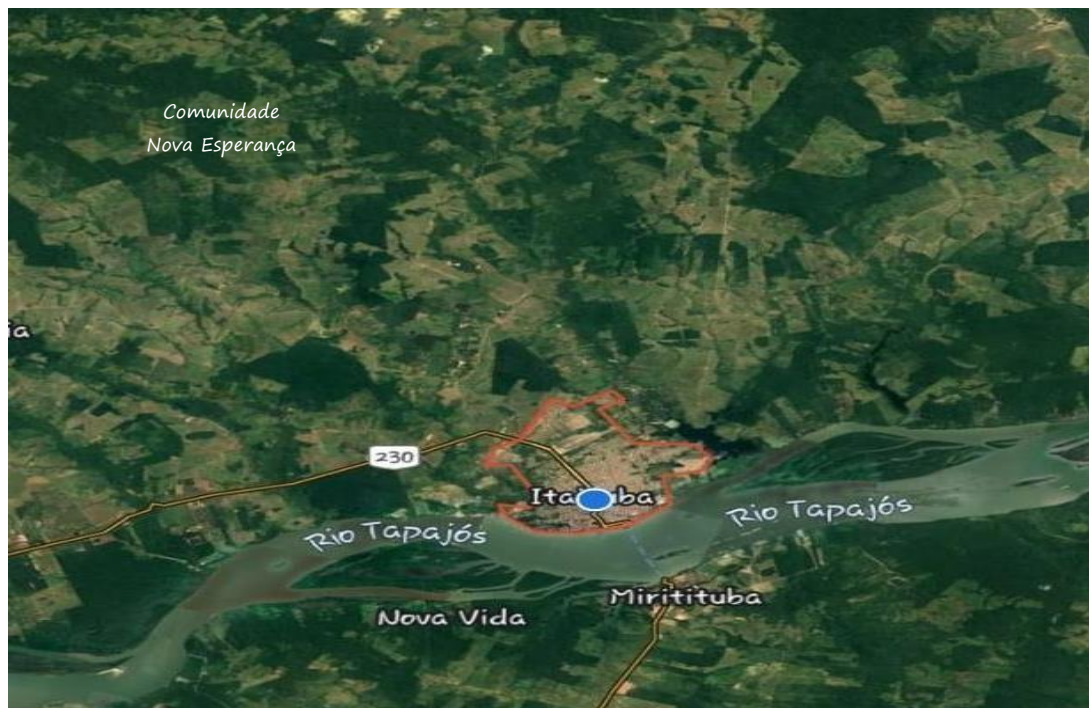


Ilustração 11 - Localização da comunidade nova esperança (ITB-PA). Fonte: <https://www.google.com>. 2022.

Foi fundada em vinte e dois de fevereiro de 1991 sob o Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) de número 10.221.141/0001-98, o primeiro presidente comunitário foi seu José Leandro Ferreira Silva e o vice-presidente, Gentil Caetano da Costa. Na época de fundação haviam vinte e nove (29) comunitários.

Sua sede hoje, conta com um barracão e cozinha comunitária que atualmente funcionam como escola, pois a escola que havia no local foi demolida e aguarda a construção de uma nova sede, uma capela que tem como padroeiro São Jerônimo e um campo de futebol para área de lazer. Atualmente, residem 18 famílias na comunidade.

3.7 PERFIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Para conhecer e saber melhor sobre a história da comunidade e dos habitantes que nela vivem, foram feitas entrevistas com 7 pessoas. Segue seus perfis no quadro demonstrativo.

Entrevistado	Sexo	Idade	Escolaridade	Naturalidade
1	Fem.	61	1º ano Ens. F.	S. Luis de M. Belos-GO
2	Masc.	81	1º ano Ens. F.	S. Luis de M. Belos-GO
3	Masc.	59	1º ano Ens. F.	S. Luis de M. Belos-GO
4	Masc.	63	6º ano Ens. F.	S. Luis de M. Belos-GO

5	Fem.	76	1º ano Ens. F.	Córrego do Ouro - GO
6	Masc.	73	2º ano Ens. F.	Córrego do Ouro - GO
7	Fem.	66	Magistério	S. Luis de M. Belos-GO

Ilustração 12 - Perfil dos entrevistados. Fonte: Nádia Talita Vieira

A faixa etária dos sujeitos desta pesquisa está entre 59 e 69 anos de idade. Três (3) pessoas são do sexo feminino e 4 do sexo masculino. Entre os sete (7) entrevistados, cinco (5) deles estavam presentes na primeira caravana vinda de Goiás e os outros dois (2) que chegaram alguns anos depois.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 DIALETOS REGIONAIS

Como já mencionado neste estudo, o sistema de uma língua é formado por um conjunto de variantes que podem ser de ordem sociocultural, estilística, etária, ocupacional e regional. A diferente forma de se falar a mesma língua caracteriza o sujeito e sua bagagem histórica (CAMARA JUNIOR, 1985).

Este fenômeno descrito, trata-se dos dialetos regionais, que são variações linguísticas, com suas as diferentes formas de falar o idioma, como por exemplo, o dialeto regional mineiro, carioca, gaúcho, baiano, pernambucano, sulista, paulistano e, assim por diante (DUARTE, 2006).

A dinâmica de dialetos regionais possibilita que muitas palavras recebam nomes diferentes, dependendo da localidade em que são faladas. Segue um quadro demonstrando com alguns exemplos:

Sandália = chinelo
Mandioca = aipim macaxeira e Castelinha
Tangerina = poncan (ponkan, ponkã), mexerica e bergamota
Menino = guri, piá
Flau = sacolé, dindim, tabu, geladinho, juju, chup-chup salsicha = vina
Pão de sal = pão d'água, pão careca, pão francês e cassetinho
Hot-dog = cachorro quente, dogão, kikão, x-caboquinho, Pit Dog
Bebê= buguelo
Carne moída = guisado, boi ralado, picadinho
Desconfiado= cabreiro
Coberta = lençol
Bolacha = Biscoito, galheta
Ata = fruta do conde, ariticum
Almôndega= porpeta
Semáforo = sinaleira, farol, sinal, balão
Balaústra = ripa, rótula
Abóbora = jerimum

Ilustração 13 - Substantivos diferentes nos Estados brasileiros. Fonte <https://claudia.abril.com.br>. 2021.

As diferenças regionais, como demonstrado no quadro, no que diz respeito ao vocabulário, são exemplos da variação territorial, segundo Reis (2019). Portanto, compreende-se, inclusive, a partir dos apontamentos de Bagno (2007), que a língua falada se subdivide em várias, determinada por fatores particulares, sociais, culturais ou geográficos, visto que cada região possui sua própria característica, sendo a variedade usada pelos nordestinos diferente da usada pelos paraenses e vice-versa.

O Brasil possui ampla extensão territorial, com mais de duzentos milhões de habitantes, o que aponta para a presença de diversidade de variantes Linguísticas pelo país. Mas além da questão da extensão geográfica continental do país, há os fatores históricos, sociais e culturais, diferenciados em cada uma das suas regiões (TARALLO, 1994).

Os sotaques também se distinguem, não somente nas cinco regiões do Brasil, mas também dentro de um próprio Estado., como o sotaque do dialeto interiorano, por exemplo. Regiões do agreste e do sertão do Nordeste, são caracterizadas por apresentar forte som em /di/ e /ti/. O dialeto mateiro da zona da mata é parecido com o dialeto interiorano, porém a maneira de falar é mais rápida. O dialeto sertanejo é falado nas regiões do mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e parte de Minas Gerais (REIS, 2019).

É possível dividir os dialetos do português brasileiro em dois grupos: do Norte e do Sul, definidos por suas principais variedades. Os dialetos do norte compreendem a Amazônia nordestina, incluindo os Estados do Acre e Amazonas. Roraima, Amapá e parte sul do Pará englobam dialeto baiano, fluminense, mineiro e sulista (REIS, 2019). Segue alguns tipos de dialetos regionais brasileiros:

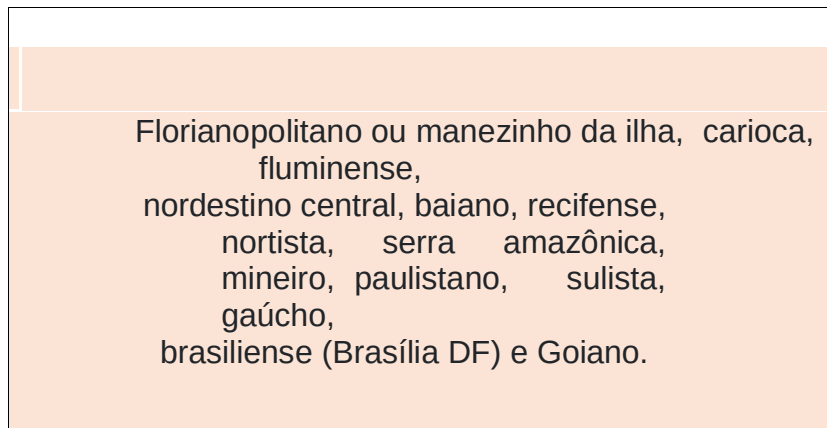


Ilustração 14
Dialetos

Brasileiros. Fonte: <https://www.infoescola.com>. 2022.

Segundo autora supracitada, por conta dos grandes números de variantes em determinadas áreas, há controvérsias em relação à organização das zonas dialetais brasileiras. Mas, é possível apresentar entre as variações regionais e seus dialetos, da forma de divisão mais comumente utilizada:

Dialeto carioca; é típico da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro e de outras cidades do interior Fluminense. Ele apresenta semelhanças com o português lusitano como, por exemplo, a pronúncia do "s" chiado e as vogais abertas. Sua origem vem dos dialetos africanos, falados pelos escravos que representavam a maioria da população carioca durante o período colonial (REIS, 2019).

Dialeto mineiro: também chamado de montanhês, é falado na região central Estado de Minas Gerais. Na região do Triângulo Mineiro recebeu influência das variações linguísticas do Rio de Janeiro e do dialeto caipira, enquanto que a região central do estado desenvolveu o seu próprio modo de falar. Este dialeto é facilmente distinguível dos demais dialetos brasileiros, principalmente, pelas características fonéticas bem particulares (REIS, 2019).

Dialeto nordestino: é falado nos estados do Nordeste, porém com claras subdivisões e variações entre Estados, regiões e até mesmo cidades. Contém características bem semelhantes e por isso se mantém em um mesmo grupo. Outros

dialetos, pertencentes a áreas menores, podem ser distinguidos, por possuírem características próprias no seu falar (REIS, 2019).

Dialeto baiano (baianês): é falado no Estado da Bahia, Sergipe, norte de Minas Gerais, leste de Goiás e Tocantins, isso porque, o dialeto baiano tem uma influência sobre outras áreas vizinhas. Há alguns que o consideram como parte dos dialetos sulistas, o que não é adequado, já que difere muito dos dialetos do sul do país. Por tal, alguns estudiosos criaram o termo centro-sulista para designar este dialeto (REIS, 2019).

Dialeto cearense: falado no estado do Ceará. Possui variações internas, mas se caracteriza basicamente pelo uso do pronome “**tu**” com maior frequência em vez de “você”, além de características em comum com os demais dialetos nordestinos. Possui também muitas particularidades em seu léxico (REIS, 2019).

Dialeto da Serra Amazônica: também chamado de dialeto arco do desflorestamento ou dialeto do sotaque dos migrantes. É muito usado no sudeste do Pará, no sudoeste do Maranhão, no norte do Mato Grosso, em Rondônia e Tocantins. É uma forma de comunicação diferente do dialeto tradicional da Amazônia por ter uma pronúncia e vocalização mais próximas do caipira e do sertanejo. Uma das características é a forte pronúncia da letra “**s**”, semelhante à fala paulista (REIS, 2019).

Dialeto sulista: é falado na região sul do país, abrange principalmente nos Estados do Paraná, no norte e noroeste do Rio Grande do Sul, e nas regiões centrais e leste de Santa Catarina. Alguns estudiosos incluem também alguns estados do sudeste e centro oeste. Tem como característica a harmonia e redução vocálica. Em alguns locais é marcado pela pronúncia das consoantes nasais que estão no final de uma sílaba e pronúncia da vogal “**e**” ao final de palavras quando na maior parte do Brasil pronuncia-se como “**i**” (REIS, 2019).

Dialeto gaúcho: falado no Rio Grande do Sul e em parte dos Estados do Paraná e Santa Catarina. É caracterizado por particularidades em seu léxico, influências do italiano, espanhol e alemão. Quanto aos aspectos fonéticos possui também diversas características particulares, podendo ser facilmente distinguidos entre os demais dialetos brasileiros (REIS, 2019).

Dialeto brasiliense (candango): conforme o autor supracitado, é falado na Cidade de Brasília e região metropolitana. É um dialeto mais neutro, uma mistura dos demais, decorrente da grande migração ocorrida para esta cidade durante a sua construção. É considerado por muitos como um “sotaque branco

4.1.1 O dialeto Goianês

Duarte (2006) afirma que a língua portuguesa, no Brasil, além da sua função instrumental, tem o caráter de expressão da cultura brasileira, pois é um instrumento de transmissão de ideias, fatos e sentimentos, reconhecendo as peculiaridades das culturas nos fatores locais (rurais e urbanos), o que leva as diferenciações linguísticas.

A história de Goiás remonta ao início do século XVIII, com a chegada dos bandeirantes vindos de São Paulo, atraídos pela descoberta de minas de ouro. Consta que teve mesmo início quando Anhangüera encontrou ouro às margens do Rio Vermelho e fundou o Arraial de Sant'Anna no século XVIII.

O nome do Estado tem origem do termo tupi “guaiás” ou “gwaya”, dizer “indivíduo igual, gente semelhante, da mesma raça que”. Em 1988, Goiás teve uma parte desmembrada da sua porção norte, para a criação do Estado do Tocantins (CAMARGO, 2015).

O Estado de Goiás tem extensão territorial de 340.103,467 quilômetros quadrados. Sua população totaliza 6.003.788 habitantes. É composto por 246 municípios e, conforme contagem populacional realizada em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (BRASIL, IBGE 2010). É composto por 246 municípios. Observa-se o mapa demonstrativo do Estado de Goiás:



Ilustração 15 - Mapa do Estado de Goiás. Fonte: <https://www.google.com>. 2022.

O Dialeto Goianês: para facilitar a comunicação com os turistas, este dialeto regional já ganhou publicação de um dicionário próprio com algumas expressões, como por exemplo disso, as expressões **“trem bão demais da conta sô” e “trem custoso”**. Outra característica interessante é o uso do diminutivo e a subtração de letras finais de palavras: **cafézim, queijim, biscoitim, trenzinho...** Quanto a *pronúncia*, forma um sotaque que ignora o ‘s’ do plural e o ‘r’ ganha destaque (CAMARGO, 2015).

O dialeto goianês, misturando plural com singular, caracteriza-se por uma linguagem sem muitas formalidades, *algo* ligado à herança histórica de Goiás. A cultura goiana tem como influências o meio rural e os ritos religiosos, manifestações culturais importantes para a população, tais como, as Cavalhadas e a Festa do Divino, realizadas em Pirenópolis e ainda, outros vários festejos e cortejos religiosos, realizados em cidades do interior goiano. (CAMARGO, 2015).

Como já pontuado neste estudo, em alguns estados do Nordeste é comum a expressão **“oxente”**, no Rio Grande do Sul, o **“tchê”**, entre os goianos além do **“r”** retroflexo e do uso do **“uai”**, é marca bem perceptível entre os falantes da região, bem como, uma série de características permeiam o discurso da população (CAMARGO, 2015).

Nesse sentido, um projeto de pesquisa, desenvolvido pelo Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF) da Faculdade de Letras Universidade Federal de Goiás (UFG), intitulado **“Português Contemporâneo Falado em Goiás”**, investigando, portanto, características do português falado pelos goianos.

Segundo Veloso (2016), as pesquisas desenvolvidas desde do ano de 2004, mostram que 80% dos goianos não realizam a marca de reflexividade na fala. Só há reflexividade em expressões cristalizadas e de grande força elocucional, como em **‘exploda-se’ e ‘dane-se’**, o que acontece devido a representações cognitivas e sociais construídas e compartilhadas nas situações de interação ao longo do desenvolvimento da competência linguística.

No discurso dos falantes goianos, uma marca identitária, utilizada com alta frequência são os verbos de percepção que fazem referência a funções do corpo, como ver, olhar, ouvir, cheirar e degustar, além das funções gramaticais passaram por um processo de gramaticalização, ao deixar o sentido concreto para adquirir sentido abstrato, citando-se caso: da construção **“vai ver que”**, **“Vai ver que”** torceu o dedo”, figurando como função gramatical para indicação de dúvida na frase (VELOSO,

2016).

Conforme a autora supracitada, o professor da Faculdade de Letras da UFG, Leosmar Aparecido Silva, analisou e constatou preferências verbais pelas quais os goianos expressam os sentidos humanos básicos e como estes verbos têm seu sentido transformado, como exemplo, **“ó o leite”**, expressão bastante utilizada em cidades do interior.

O professor comenta que a análise afirmando apontando que a construção fonética do verbo olhar se transforma em **“ó”**, bem como, além de assumir função de percepção, equivale a função de chamamento, como forma de atrair a atenção do interlocutor. Portanto, este verbo se descolou do sentido mais concreto de olhar para uma realidade física, passando a assumir significado que pedir que se **‘preste atenção que o carro do leite está passando para você comprar o produto’**”, argumenta.

Outro fenômeno ocorrido com os mencionados verbos: **“Vô vê se dô conta”**, quando o verbo ver assume o sentido de analisar. O mesmo processo de gramaticalização também é perceptível no uso do verbo “fazer”, que pode adquirir várias funções, como a de verbo suporte, cujo sentido é produzido e carrega uma certa pragmaticidade, quando combinado a uma expressão nominal, como na sentença **“Fui fazer uma entrevista”**, ao invés de “entrevistei”. O verbo fazer pode ainda indicar tempo, na retomada de algo que já foi dito no discurso ou causa, na tentativa de justificar, como mostra o exemplo; **“Ele me fez cair do telhado”** (VELOSO, 2016).

O professor Leomar informa, como comenta Veloso (2016), que em construções como **“é que”** e **“só que”**, o goiano utiliza para justificar algo a alguém, ele diz, por exemplo: **“É que ninguém pode sair agora”**. Para criar uma contraexpectativa no que está contando, utiliza o **“só que”**, construção que recorre com frequência: **“As meninas foi trabalha, lá, sabe? Só que assim... eu num podia”**

4.2 GOIANOS NA COMUNIDADE NOVA ESPERANÇA DE ITAITUBA (PA)

Conforme informou o Senhor João Virginio, as famílias que colaboram com este estudo, residiam na cidade de São Luiz de Montes Belos, no noroeste do Estado de Goiás, município interiorano, distante cento e vinte sete quilômetros da capital Goiânia. Em agosto do ano de 1979, resolveram sair da sua terra natal e se aventurar no Estado do Pará, em busca de terras e melhor qualidade de vida.

Ilustração 16 - Distância entre S. Luis de Montes Belos (GO) e Itaituba (PA). Fonte: <https://www.google.com>. 2022.

Passados os primeiros dias, cada família comprou ou alugou uma casa para si. Depois de todos estarem devidamente acomodados, os homens e os meninos mais velhos, que já não estudavam, partiram para fazer a abertura e trabalhar na terra. O patriarca repartiu os lotes e, cada um foi trabalhar no seu. Foi assim que surgiu o ramal dos goianos.

Os familiares que haviam ficado ainda em Goiás, aos poucos foram chegando, pois além de quererem estar perto dos seus, também buscavam melhor qualidade de vida e, assim o ramal dos goianos foi crescendo.

Os filhos dos primeiros migrantes foram se tornando adultos e formando suas próprias famílias. No início de 1990, já haviam em torno de dezesseis crianças com a idade de ingressar na escola, porém, a escola mais próxima ficava a 18 quilômetros de distância, e o acesso a mesma precisava ser feito por dentro de uma área de mata. Os pais então resolveram se reunir e solicitar uma escola à secretaria de Educação, que informou que se tivesse um local e a comunidade fosse registrada eles dariam o suporte necessário para a abertura da escola.

Seu João Virginio, um dos primeiros moradores do local, como já mencionado, doou um espaço de seu lote para a construção da escola e os moradores se reuniram e fundaram a comunidade Nova Esperança, nome escolhido pelo fato de eles acreditarem que no Pará havia uma nova esperança de terem uma melhor qualidade de vida, para eles e para os filhos.

A comunidade foi registrada sob o CNPJ, bem como, todos os procedimentos legais foram tomados. Inauguraram a escola Boa Esperança, na qual uma das últimas integrantes da família dos goianos que migrou para a Comunidade, passou a lecionar nesta escola.

Em 2000, o seu Gentino Caetano da Costa e sua esposa Maria Inez dos Santos da Costa, doaram legalmente uma área de 50 metros quadrados para ser a sede fixa da comunidade, espaço destinado à escola, capela religiosa e barracão de eventos comunitários.

Atualmente, residem dezoito famílias na comunidade, destas apenas uma não é goiana ou descendente deste povo, que um dia chegou aqui ao município com a esperança de uma vida melhor.

4.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Basicamente, os tipos de contato para investigação, compreendem: interações livres, entrevistas, testes, enquetes, questionários postais, eletrônicos ou presenciais, entrevistas e testes, dependendo para a escolha do fenômeno de cada pesquisa, exigindo recursos tecnológicos e uma preparação prévia (ZANELLA, 2013), principalmente, no caso do contato escolhido para este estudo, ou seja, entrevistas gravadas, em que houve contato direto entre esta pesquisadora e o grupo de falantes da Comunidade Nova Esperança.

O uso da técnica de entrevista exige do pesquisador um olhar atento a todas as manifestações do entrevistado, além da linguagem oral, também a gestual é significativa para a pesquisa, permitindo identificar nervosismo na agitação das mãos, expressão de desagrado, de desgosto, ou mesmo de não concordância (ZANELLA, 2013).

Uma entrevista dá maior flexibilidade ao entrevistador, podendo ser desenvolvida individualmente ou em grupo. Uma outra grande vantagem da entrevista é a possibilidade de ser realizada com todos os segmentos da população, incluindo-se os analfabetos.

Além de se planejar uma entrevista, definindo claramente o objetivo; agendar previamente a hora e o local do encontro, garantir o sigilo e a confiabilidade dos dados e da identidade do entrevistado, é de suma importância, com antecedência conhecer o campo de pesquisa e os entrevistados.

Neste primeiro momento, houve essa visita de sondagem, para agendar conforme a disponibilidade de data e horário de cada um dos entrevistados. Mas o objetivo maior era criar um certo vínculo para que a pessoa se sentisse a vontade, perdendo a timidez pelo fato de ter sua fala gravada.

Nestas mencionadas visitas de sondagem aos entrevistados, foi possível gravar um pouco de vocabulário goianês. Segue a lista de vocábulos:

Cá: Aqui. Corgo: Córrego. Forro: Toalha, lençol. Guaribá: Averiguar ou arrumar, fazer algo rapidamente, pela metade. Mandioca braba: Mandioca. Mandioca mansa: Macaxeira. Pisadeira: pesadelo. Purgante: Algo ou alguém chato. Pustema: dengosa, manhosa, chorona. (LUFT, 2001).	Ridicar: Sovinar, negar. Sapituca: Mal estar, moléstia. Sô: senhor. Supitá: Transbordar, derramar. Tabuleiro: Forma de assar bolo. Trabuco: Arma, espingarda. Trem: Qualquer objeto. Trupicar: Tropeçar. Uai: usado em quase todas as frases. exprime espanto, pasmo, surpresa, admiração, susto ou impaciência.
---	---

Ilustração 17 - Coleta prévia de vocabulário goianês na comunidade. Fonte: Nádia Talita Vieira

Minayo (1996) chama a atenção para a palavra como símbolo de comunicação, pois é por meio da palavra que o entrevistado se comunica e expressa seus valores, sentimentos, suas opiniões, dentre outras manifestações pessoais. É também uma forma de transmitir, através de um porta-voz, no caso o pesquisador, as representações de grupos determinados, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas.

4.3.1 Expressões Idiomáticas identificadas na comunidade Nova Esperança

As expressões idiomáticas, também denominadas “Idiomatismos”, são aquelas que possuem as propriedades formais das estruturas não idiomáticas, embora o significado das palavras não permita interpretar a sua combinação (CHOMSKY, 1999).

Elas podem ser definidas com base em três características fundamentais: unidade da forma e do sentido; desvio à norma gramatical ou lexical e valores metafóricos particulares, entendendo-as como unidades sintáticas e lexicais formadas por várias palavras (JORGE, 1991). O autor realça a noção semântica de composicionalidade afirmando que a expressão idiomática é uma estrutura que viola a condição de composicionalidade na interpretação semântica. Segue exemplos: dar bode; dar o cano; fazer boca de siri; matar o bicho do ouvido; plantar bananeira; arrastar a asa; debaixo desse angu tem carne; deixar as barbas de molho; fulano, beltrano e sicrano; vem quente que eu estou fervendo; custar os olhos da cara.

Expressão idiomática ocorre quando um termo ou frase assume significado diferente daquele que as palavras teriam isoladamente. Constituem um dos “problemas prioritários da descrição léxica”, a qual, tendo como objetivo primordial atender as mais variadas necessidades do pesquisador, que vai encontrar sérias

dificuldades teóricas e práticas no tratamento lexicográfico destas estruturas (DUARTE, 2006).

Tira-se de “conjunto de palavras, cujos elementos se encontram intimamente ligados, formando um todo, uma estrutura, uma unidade de pensamento, não decomponíveis nas suas partes constituintes, em prol das quais os vocábulos perdem a sua fisionomia, sacrificam o seu significado individual. Estas estruturas possuem um certo grau de cristalização, na medida em que há expressões cuja coesão dos termos é absoluta [Ir ter com], outras cujos elementos ainda conservam alguma independência (EVANGELISTA, 2004).

A seguir veremos algumas expressões, com seus significados, usadas pelos migrantes goianos, observadas e coletadas durante a pesquisa na Comunidade Nova Esperança de Itaituba-PA. Apresenta-se a expressão idiomática e depois seu significado lexical.

A Lexicologia também é um viés analítico aliado à Sociolinguística, visto que, é a disciplina que estuda o significado das unidades lexicais de uma língua e as relações sistemáticas que se estabelecem por conta dos seus significados: sua origem, forma, significado e o uso em determinada comunidade de falantes (COUTINHO, 1974).

A Lexicologia é um ramo da Linguística que observa e analisa a palavra, preocupações que surgiram lá na Grécia antiga e com os gramáticos indianos, isso, antes Cristo, tanto em termos morfosintáticos, semânticos, quanto socioculturais..A Gramática Histórica usa o termo Lexiologia, mas a Linguística adota Lexicologia. (MIRANDA, 2009).

Como uma disciplina da Linguística se se estabeleceu recentemente, portanto, seu material disponibilizado ainda é escasso. Apesar de recente, vem de antiga tradição, visto que as preocupações e reflexões quanto à linguagem surgiram antes da própria Ciência da Linguagem ou da palavra como objeto da Filosofia da linguagem (CHOMINSKI, 1999).

Campo lexical e campo semântico são utilizados pela linguística textual para estudo, análise e compreensão do uso das palavras). **Campo lexical:** conjunto de palavras que pertencem a uma mesma área (CAMARA JR., 1984). Ex.: **Bamburro**, local onde se encontra grande quantidade de ouro, **bamburrado**, aquele que encontrou a grande quantidade de ouro e **bamburrar**, a ação de encontrar a grande quantidade de ouro (HOUAISS, 2009).

	Expressão idiomática	Significado lexical (LUFT, 2001).
1.	Chamar o Juca	Vomitar
2.	Cara lanhada	Pessoa sem-vergonha, que não tem dignidade; canalha.
3.	Cara lerda	Pessoa brincalhona, que gosta de fazer palhaçadas.
4.	Caçar ana	Procurar problema, tribulação. Ou tranquilo despreocupado.
5.	Sem base	Algo Absurdo. Sem razão.

Ilustração 18 - Expressões idiomáticas. Fonte: Nádia Talita Vieira

As expressões idiomáticas são uma parte importante da comunicação informal, e muitas vezes dizem sobre a cultura de uma determinada região. A expressão 1, “**chamar o juca**”, se fosse usada em outra região ou se fosse levar em consideração o sentido literal das palavras, daria a entender que se estava chamando alguém por nome Juca. Vejamos um exemplo da aplicação dessa expressão idiomática dentro de uma frase:

Maria comeu algo que não lhe fez bem, passou o dia chamando o juca.

Observa-se que para essa comunidade goiana essa frase estará totalmente coerente, porém para uma pessoa não conhecedora dessa expressão, a frase não fará sentido, pois se perguntará: como o Juca poderá ajudar sobre os vômitos que acometeram Maria?

A expressão 2, “**cara lanhada**”, é usada para indicar uma pessoa canalha, que não tem dignidade. Exemplo em uma frase:

Você disse que não chegaria tarde, seu cara lanhada.

A expressão 3, “**cara lerda**”, é empregada quando se quer distinguir uma pessoa brincalhona, espirituosa, engraçada. Exemplo:

Meu irmão é muito cara lerda, vive me pregando peças dentro de casa.

Observa-se que a expressão 4, **Caçar ana**, pode apresentar dois significados diferentes, portanto, para entender em qual sentido essa expressão estará sendo utilizada, será necessário analisar o contexto em que a mesma está inserida.

Veremos exemplos da aplicação dessa expressão em frases.

Ex. 1: ***José vive caçando ana quando bebe.***

Nesta frase a expressão é usada para indicar que o homem busca confusão e atritos quando está embriagado.

Ex. 2: **Hoje não vou fazer nada, só caçar ana.**

Nesta frase a expressão é usada para indicar tranquilidade, despreocupação e desocupação.

Por ultimo temos a expressão “**sem base**”, usada para indicar algum disparate, algo absurdo e sem noção.

Ex: ***Ainda não acredito que ele foi embora com outra, que coisa sem base.***

Os significados do uso social das palavras são do campo de análise da Semântica, qual estuda a significação e as relações que cada palavra pode estabelecer, como o caso de palavras homônimas, que se escreve e pronuncia da mesma maneira, mas que têm significado e origem diferente (CUNHA, 1982).

Partindo-se dos comentários de Evangelista (2004), e pela análise dos dados coletados dos falares dos migrantes goianos na Comunidade Nova Esperança, ficou nítido que expressões idiomáticas compreendem conjunto de harmonia sintática e entre todos os elementos que as compõem, bem como, o afastamento do significado de cada uma das palavras que o constituem.

Em termos teóricos, conforme Xatara (2001), há grande carência de estudos fraseológicos que definam e delimitem o domínio de cada unidade fraseológica, os quais constituiriam um ponto de referência na elaboração de qualquer dicionário de carácter mais geral.

4.3.2 Metaplasmos linguísticos observados na Comunidade Nova esperança

Coutinho (1976) estabelece os metaplasmos como sendo as alterações fonéticas por quais os vocábulos passaram durante a sua evolução conforme já mencionado neste estudo. A seguir analisaremos alguns metaplasmos encontrados no dialeto da comunidade.

Metaplasmos por permuta: a substituição ou transformação de um fonema por outro, forma os metaplasmos por permuta, e podem se dar por Sonorização, Vocalização, Consonantização, Assimilação, Dissimilação, Nasalização, Desnasalação, apofonia e Metafonia: Observa-se o fenômeno identificado na Comunidade Nova esperança:

Vocábulo	Sign. social	Significado lexical (HOUAISS, 2009).	Metaplasmo
Armonca	Almondega	Bolinho de carne moída cozido ou frito, servido com molho.	Rotacismo e dissimilação
Tipi	Tipo	Modelo Categoria de seres ou objetos agrupados, espécie	Metafonia
Traia	Tralha	Pequena rede de pesca. Objetos velhos; bugiganga, cacareco	Despalatização
Cabesseiro	Travesseiro	Almofada sobre a qual se descansa a cabeça	Degeneração
Gomitar	Vomitar	Expelir pela boca o que estava no estômago	Dissimilação Sonorização

Ilustração 19 - Metaplasmos por permuta. Fonte: Nádia Talita Vieira

Nesta ilustração podemos observar 5 palavras das quais sofreram algum tipo de transformação.

- 1- A palavra almondega, por exemplo, verificamos que aconteceu o rotacismo pois o fonema /l/ foi trocado pelo fonema /r/ e na mesma palavra aconteceu também a dissimilação pois o final da palavra /dega/ foi transformado em /ca/ que é um fonema semelhante, passando a “**armonca**”
- 2- Na palavra “tipo” houve a metafonia pois percebe-se a alteração do timbre da vogal /o/ para a vogal /i/ passando a ser “**tipi**” .
- 3- A palavra tralha sofreu a despalatização, pois houve a transformação do fonema palatal /lha/ para o fonema oral /ia/, passando a ser traia.
- 4- O vocábulo travesseiro sofreu dissimilação na mudança do fonema /tr/ para /c/ e degeneração na alteração do fonema /v/ em /b/, passando a ser “cabecesseiro”.
- 5- E por fim na palavra vomitar houve a sonorização na troca do fonema /v/ pelo fonema /g/, passando a ser “gomitar”.

Metaplasmo por Aumento: contecem quando há o aumento da forma fonética por causa da inserção de um fonema no vocábulo. Observa-se esta dinâmica nos termos utilizados pelos entrevistados:

Vocábulo	Sig. social	Significado lexical (HOUAISS, 2011)	Metaplasmo
Adevogado	Advogado	Habilitado a prestar assistência jurídica.	Anaptixe
Fissu	Fiz	não dicionarizado	epítese
Doutore	Doutor	formado em faculdade e que defendeu tese. Bacharel especialista em Medicina ou Direito.	epítese
Causo	Caso	Caso, conto, caso sério problema, cruzamento de caso e causa.	Epêntese

Ilustração 20 - Metaplasmos por aumento. Fonte: Nádia Talita Vieira

Esse processo acontece através da prótese, epêntese, paragoge (ou epítese) e anaptixe (ou suarabácti). Nesta a ilustração apresentou-se os metaplasmos de aumento observados durante a pesquisa.

A palavra advogado sofreu anaptixe ou suarabácti, pois houve o acréscimo do fonema /e/ passando a ser advogado. A palavra fiz sofreu paragoge (epítese) do fonema /su/ no final da palavra resultando em “**fissu**”.

A palavra doutor sofreu paragoge (epítese) pois foi acrescentado o fonema /e/ resultando em “**doutore**” e por último a palavra causo sofreu epêntese ao acrescentar o fonema /u/ no meio do vocábulo passando a “**causo**”.

Metaplasmo por Supressão: ocorrem quando há a subtração de um fonema na estrutura da palavra.

Voc.	Sig. social	Significado lexical (FERREIRA,1999)	Metaplasmo
Figo	Fígado	Glândula responsável pela secreção de BÍlis.	Síncope
Rasteo	Rastelo	Instrumento semelhante a uma enxada, empregado na lavoura	Síncope
Vamp	Vômito	Ação de vomitar; vomição. A coisa vomitada.	Apócope sonorização

Ilustração 21 - Metaplasmos por supressão. Fonte: Nádia Talita Vieira

Dentro da ilustração em quadro, temos a palavra fígado que sofreu síncope dos fonemas /ad/ passando a ser “**figo**”. O vocábulo rastelo também sofreu síncope do fonema // que passou a ser **rasteo**, já a palavra vômito sofreu apócope pois o final /ito/ foi excluído e também sofreu sonorização pois foi inserido o fonema /p/ para emitir o som semelhante ao final do vocábulo passando a ser vamp.

Metaplasmos por transposição: se dão por deslocamento de posição dos fonemas dentro da estrutura do vacábulo ou pela tranposição do acento tônico da palavra. Neste processo estão a metátese, hipértese, sístole e diástole, como demonstrado abaixo:

Vocábulo	Significado social	Significado lexical (FERREIRA,1999)	Metaplasmo
Abobra	Abóbora,	Fruto da aboboreira.	Hipértese
bênção	Benção	Graça divina ou pedido de proteção divina, voto em favor de alguém.	Sístole
Estrovar	Estorvar	frustrar, impedir causar obstáculos dificultar.	Metátese

Ilustração 22 - Metaplasmos por transposição. Fonte: Nádia Talita Vieira

Nesta ilustração temos a palavra abóbora que sofreu hipertese pois o fonema /r/ se deslocou para o meio da sílaba /bo/ resultando em “**abobra**”. Temos também a palavra bênção que sofreu sístole devido ao deslocamento do acento tônico na sílaba /be/ passando a ser **bênção** e, a palavra estorvar sofreu metátese, onde o fonema /r/ se deslocou para o meio da sílaba “to” passando a ser estrovar.

4.3.3 Variantes Linguísticas presentes na comunidade Nova Esperança

No mundo há diferentes línguas e dessa forma é impossível não afirmar que elas variam de país para país, de região para região e até mesmo de cidade para cidade. No Brasil a língua falada é o Português, porém em cada região há uma maneira diferente de se comunicar usando o mesmo português.

As palavras diferem do seu significado lexical, assumindo significâncias por conta do uso social da Língua, ou seja, aspectos sociolinguísticos da língua (DUARTE, 2006). A análise, quanto ao processo de evolução da língua da comunidade Nova Esperança se dá através da sincronia, a qual, estuda o modo em que se encontra a

língua em um determinado momento, no caso o presente. O uso social da língua diz respeito ao campo semântico, qual diz respeito às possibilidades que uma mesma palavra possa assumir diferentes significados, dependendo do contexto em que a mesma está inserida (CAMARA JR., 1984). Segue a apresentação dos vocábulos coletados:

Vocábulo	Sign. social	Sign. lexical(LUFT, 2001).	Variação
Custoso	teimoso, complicado	caro.difícil; trabalhoso; árduo. demorado.	diatópica
Inzonar	Lerdeza, lentidão.	Intrigar.	diastrática
Lavadeira	Bacia	Mulher que lava roupa. Máquina de lavar . Mulher grosseira e de condição modesta . Zoologia: libélula	diatópica
Macuco	Sujeira	Ave de grande porte, dorso escuro e ventre cinza claro. (florestas do Brasil).	diatópica
Manteiga	Banha, gordura de porco para Cozinhar. substituindo o óleo de soja	Pasta gordurosa obtida da nata do leite. Substancia gordurosa de certas plantas.	diatópica

Ilustração 23 - Variantes linguísticas na comunidade pesquisada. Fonte: Nádia Talita Vieira.

Diferente do significado lexical, ou seja, do dicionário, para os falantes da comunidade estudada a variante **“custoso”**, geralmente é usada para definir uma criança travessa.

Exemplo: **nem gosto de sair de casa, meu filho é muito custoso, prefiro evitar passar vergonha.**

O significado social da palavra **“inzonar”** difere bastante do significado lexical, enquanto que para o grupo de migrantes esse vocábulo é usado para exprimir lentidão, no lexico significa intrigar. O mesmo fenômeno acontece com a variante **“lavadeira”, macuco, manteiga.**

Bortoni-Ricardo (2004) afirma que os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas as quais frequentou, também têm influência em seu repertório sociolinguístico. Nessa direção, observa-se que quase todos os entrevistados possuem nível de escolaridade de 2º ano do Ensino Fundamental, portanto não possuem conhecimento e nem contato com a linguagem formal, desenvolvida no

decorrer dos anos de Educação Básica, que compreende os ensinos Fundamental e Médio.

Naro (2003), afirma que o processo de aquisição da língua se encerra pelo início da puberdade, e a partir de então, a língua do indivíduo permanece estável. Este princípio remete à história de sua migração, refletindo-se que mais novos chegaram ao Pará entre os 15 e 16 anos, portanto com identidade linguística formada e estabilizada. Veremos abaixo mais algumas variantes usadas pelo grupo de falantes estudado:

Variante	Significado social	Significado lexical (HOUAISS, 2009).	Variação
Bangerê	Comida	não dicionarizado	diastrática
Bostoró	Pessoa mole, que não sabe fazer nada.	não dicionarizado	diastrática
Currião	Cinto	Cinto largo de couro, com fivela (M. G, Go Ba.)	diatópica
Fragelo	Algo ruim. espécie de palavrão.	Flagelo: Tipo de chicote, instrumento de tortura.	diatópica
Rabinha	panela que possui só um cabo.	pequena frigideira;	diatópica

Ilustração 24 - Outras variantes linguísticas no falar dos migrantes goianos. Fonte: Nádia Talita Vieira

Nesta ilustração podemos ver que algumas definições não foram encontradas para as variantes apresentadas, que muitos não fazem ideia do que elas significam, mas elas existem e fazem parte da comunicação diária desta comunidade.

Quanto aos significados e significação dos vocábulos, todas as línguas têm suas palavras divididas em classe (morfologia) e em função (sintaxe) e grande parte do léxico de uma língua pode ser encontrado nos dicionários, mas tem muitas palavras que não se encontram, pois são próprias de regiões específicas (CUNHA, 1982).

Bangerê” é uma palavra que ainda não possui definição, no que se refere ao léxico, porém para o grupo estudado significa comida. Exemplo: o que vai ser o bangerê hoje. Para a variante **“bostoró”** também não foram encontradas nenhuma definição lexical, mas para o grupo estudado esse vocábulo é usado para indicar uma pessoa mole, que não sabe fazer nada direito. **“currião”** por sua vez que é uma variante muito usada na região de Goiás, Bahia e Minas Gerais para definir a palavra cinto, e até pouco tempo não possuía significado lexical, porém agora já possui.

As novas formas linguísticas são incorporadas ao vocabulário a partir do momento que forem capazes de ser compreendidas mentalmente pela maioria dos falantes de um determinado local.

A palavra “**rodeira**” é um exemplo de palavra homônima, dentro da comunidade estudada, esse vocábulo é usado para designar algo de natureza grande, enorme. Exemplo: Quando estava indo para a roça vi uma rodeira de cobra na estrada. Enquanto que no léxico essa mesma palavra indica três significados diferentes: 1. Mulher encarregada do serviço da roda nos hospícios e conventos. 2. Caminho próprio para carros. 3. Sulco produzido pelas rodas dos carros (HOUAISS, 2009).

Trata-se também de neologia semântica, realizada em relação à atividade discursiva, explanada por Maingueneau (1976), enunciação aceita como ato individual da utilização da língua. Ao ser atribuída a significância percebe-se que combinações discursivas se converteram ao chamado fenômeno de língua (neologia semântica)

A partir dessas informações podemos afirmar que a o grupo estudado faz uso de dois dos tipos variacionais, a variação diatópica, que trata variação existente entre uma região e outra, nesse caso específico entre a região centro-oeste (Goiás) e a região norte (Pará), e da variação diastrática, que trata da variação existente de acordo com o grupo social dos falantes, no caso, agricultores, em sua maioria, semi alfabetizados.

5 CONCLUSÃO

Os indivíduos residentes na comunidade estudada, em sua totalidade, utilizam do mesmo registro linguístico, desde as crianças aos idosos. Os mais novos, chegaram na então comunidade Nova esperança, entre os 15 e 16 anos, trazendo consigo o goianês hereditário, ou seja, repassado pelos pais, por outros familiares e pelo o círculo de convivência.

Verificou-se quem além dos termos específicos do dialeto goiano, também observou-se traços do dialeto rural, também chamado de caipira, isso porque, a cidade de São Luiz de Montes Belos, da onde eles migraram, embora possa ser considerada uma cidade satélite da capital Goiânia, é muito ligada ao trabalho agrícola e pecuário, conforme eram os afazeres desta família, portanto, residentes da zona rural, tanto em Goiás como no Pará. O outro motivo, diz respeito à escolaridade, visto que, quase todos os migrantes goianos entrevistados, possuem nível escolaridade de 2º ano do Ensino Fundamental.

Foi passível de conclusão, que todo tipo de discriminação é inaceitável, como o preconceito linguístico que inferioriza adultos e crianças, grupos sociais, Estados, regiões, cidades e até bairros. O preconceito linguístico não tem nexos, nem noção, visto que, a própria língua portuguesa originou-se do Latim vulgar, ou seja, falado pelos soldados e pelos populares e, o português do Brasil tem influência europeia, indígena e africana, do que, metaforicamente falando, poder-se-ia dizer, sem pedigree.

Mediante todo o exposto, afirma-se que propostas de ação e intervenção pedagógicas para fluir os saberes da Sociolinguística Variacionista, dosadas conforme faixa etária, modalidade e série, são sempre fundamentais. Os mencionados saberes variacionais, pautados no entendimento e compreensão quanto ao processo de adequação da linguagem oral (em formal ou informal), na escrita (coloquial ou padrão, que é variante de variantes de maior prestígio para unificação da comunicação). Enfim, a adequação da linguagem oral ou escrita depende do interlocutor ou destinatário, do local, da situação e dos contextos.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. L. **Português contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2006.
- ALVES, G. R. **Algumas palavras do regionalismo goiano: Dicionário de Goianês**. 2015. Disponível em: <https://www.dm.com.br>. Acesso em jul. de 2015.
- AMARAL, A. **O dialeto Caipira**. 2018. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/pdf>. Acesso em 20 de Jun. 2022.
- ANDRADE, M. M., **Introdução à Metodologia do trabalho científico**. 10. ed. -São Paulo: Atlas, 2010.
- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 295p.
- BAGNO, M. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 1999.
- BAGNO, Ma. **Não é errado falar assim. Em defesa do português brasileiro**. Parábola, São Paulo, 2006.
- BAGNO, Ma. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAGNO, M. **As memórias de Eugênia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARTONI-RICARDO, S. M. **Nós Chegemu na Escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BOTELHO, J. M.; LEITE, I. L.. **Metaplasmos contemporâneos: um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pdf>. Acesso em: 21 julh. 2022.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **População residente Unidades da Federação e os municípios – 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em jul. de 2022.
- CAGLIARI, L. C. **Diante das Letras: a escrita na alfabetização**. Campinas, São. Paulo: Mercado das Letras, 2001. p. 34.
- CAMARA JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984 e 1985.
- CAMARA JUNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. Petrópolis.p 34.

- CÂMARA JR. J. M. **História da Linguística**. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo; Prefácio de Albertina Cunha. – 7. Ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CAMACHO, J.G. Sociolinguística. **Introdução à Linguística**: Domínios e fronteiras, v.1/ Fernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs.) – 8. Ed – São Paulo: Cortez, P.4475. 1984.
- CAMACHO, R. G. **A variação linguística**. In: São Paulo Subsídios à proposta curricular para o ensino de língua portuguesa no 1º e 2º graus. São Paulo: SE-CENP, 2007. v. 3.
- CAMACHO, R. G. **Norma culta e variedades linguísticas**. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - São José do Rio Preto – Unesp. 2011.
- CAMARGO, J. **Goianês: particularidades do falar goiano**. 2017. Disponível em: <https://www.unialfa.com.br>. Acesso em jul. de 2022.
- CARVALHO, D. G. **Gramática histórica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- CARVALHO, M. L. G. C. **Língua Cultura e Ensino**. Aracaju: Editora UFS 2008.
- CARVALHO, D. G; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática. Histórica**. 3. ed., São Paulo: Ática, 1969.
- CHOMSKY, N. **O Programa Minimalista**. Lisboa: Editorial caminho. 1999.
- CONCEIÇÃO, V. M. **Preconceito Linguístico: Diversidade e variação regional nos falares maranhenses e cearenses em Itaituba** – LPL da FAI, 2010.
- CUNHA, C. **Linguagem e condição social no Brasil**. Revista de Letras, Fortaleza, v.2, n.1, p.55-78, jan./jun. 1982.
- CUNHA, C. **A questão da norma culta brasileira**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.
- CUNHA, C. **Nova gramática do português**. Lindley Cintra. - 7. ed., reimpr. — Rio de Janeiro : Lexikon, 1992 .
- COUTINHO, I. L. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974 e 1976.
- DUARTE, I. **Terminologia Linguística: das teorias às práticas**. Porto: Faculdade de Letras, 2006, 165 p.
- FERREIRA, A. B. H.. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. - 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FIORIN, J.L. (org). **Introdução à linguística: objetos teóricos**. – 6ª.ed. – São Paulo: Contexto, 2010.
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

- HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.
- HOUAISS, A. (org.). **Dicionário Houaiss Conciso**. Editor responsável Mauro de Salles Villar. São Paulo: Moderna, 2011.
- LOUREIRO V. R. ; PINTO, J. N. A. **A questão fundiária na Amazônia**. Dossiê Amazônia Brasileira II. Ago. 2005. Disponível em: <https://doi.org>. Acesso em jul. de 2022.
- LUFT, C. P. **Mini-dicionário Luft**. – 20ª. ed. – São Paulo: Atica, 2001.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de textualização**. São Paulo: Cortez, 2007.
- MARINUCCI, R; MILES, R. **Migrações Internacionais Contemporâneas**. 2011. Disponível em: <https://www.ufjf.br.pdf>. Acesso em jul. de 2022.
- MARTINS, M. A. **Ensino de Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa**. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC/ ABRASCO, 1996.
- MIRANDA, F. B. **Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas: proposta de uma taxonomiaalfa**. São Paulo, 58 (1): 215-231, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br.pdf>. Acesso em jul. de 2022.
- MOLLICA, M. C. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto. 2003. 200p.
- MOURA, D. **O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula**. In: Denilda Moura (org) *Leitura e escrita: a competência comunicativa*. Maceió: EDUFAL, 2007.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001 e 2011.
- PETTER, M. M. T. **Línguas Africanas no Brasil: Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: secretaria da cultura e turismo do estado da Bahia, 2006.
- PETTER, M. M. T. **Língua, linguagem, linguística**. 2019. Disponível em: <https://www.slideshare.net.pdf>. Acesso em jul. de 2022.
- PRETI, O. (org.). **Educação à Distância: construindo significados**. Cuiabá: NEAD/IEUFMT; Brasília: Plano, 2000.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. F.. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br>. Acesso em jul. de 2022.

REIS, M. **Variação da linguagem: dialetos**. Revista Unemat. Edição nº 27 –2019. Disponível em: <https://revista.unemat.br>. Acesso em jul. de 2022.

ROSA, E. **Sociolinguística Histórica**. (UFRGS). Revista de Letras - ISSN 2179-5282 - v.17, n. 21, jul./dez. 2015 – UTFPR – Curitiba. Disponível em: <http://periodicos.utfpr.edu.br/rl>. Acesso em jul. de 2022.

SANTOS, R. L. A. **A metodologia da pesquisa em Sociolinguística Variacionista**. Revista Espaço Acadêmico, 9(97), 68-71. (2009). Disponível em: <https://periodicos.uem.br>. Acesso em: jul. de 2022.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito linguístico** – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, J.S. **Formação Linguística do sujeito**. Eventos Pedagógicos, 2004.

SILVA, R. V. M. **Uma política para o ensino da língua portuguesa no Brasil**. In: **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. Parábola Editorial. São Paulo: 2004.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. Ed. Ática. Edição 1994.

TARALLO, F. **Harmonia trans- sistêmica: variação intra e inter- linguística**. 2007. Ed. Ática. Edições. 2007.

VASCONCELOS, L. **Ciência no Brasil: Uma Abordagem Cientométrica e Linguística**. São Paulo: Ática, (2008).

VELOSO, S. **Projeto investiga características do português falado pelos goianos**. Universidade Federal de Goiás. 2016. Disponível em: <https://prae.ufg.br/>. Acesso em 2022.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed., Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013. 134 p.

APÊNDICE

ALGUMAS EXPRESSÕES DO VOCABULÁRIO GOIANES

Trem – Expressão herdada dos mineiros. A palavra Trem para os goianos, significa qualquer objeto ou coisa. Ex: vou lavar o “trem” do almoço (vou lavar as louças do almoço) “o trem tá feio” (significa que a situação não está fácil).

2 – “**Demais da Conta**” – Expressão que os goianos usam para expressar algo em grande quantidade, ou muito. Ex. “Gosto de você, demais da conta”, seria o mesmo que gostar muito de você.

3 – “**Ojeriza**” – Raiva ou ódio – Ex. “Essa corrupção do Brasil já está me dando ojeriza.” 5 - “**Gueroba**” – Palavra que muitos goianos usam para dizer: guariroba, que é uma palmeira do cerrado, cujo caule de sabor amargoso é muito apreciado na culinária de Goiás.

6 – “**Q-Boa**” – Em Goiás, a água sanitária é chamada de “Q-Boa”, por causa da marca do produto. Em São Paulo, os paulistas já a chamam de “Cândida”, por causa da marca do produto.

8 – “**Comer igual a um Padre**” – Expressão muito usada em Goiás, quando comemos muito. Ex: “Hoje comi igual a um padre”, quer dizer: comeu demais.

9 – “**Tonto**” – Expressão que muitos goianos usam e que significa: “Bêbado” – Ex:

fulano chegou do bar tonto.

10 – “**Zureta**” – Pessoa estabana. Ex: Esse homem é zureta.